

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

TRABALHADORES RURAIS EM MOVIMENTO:
EXPERIÊNCIAS, TRAJETÓRIAS E VIVERES
NA CIDADE DO PRATA-MG. (1990 – 2010)

ADRIANA SOUZA SANTANA

Conferir!

4025

T.C.

S. 9 (c)

4025
S. 9 (c)
T.C.
2 exs.

ADRIANA SOUZA SANTANA

TRABALHADORES RURAIS EM MOVIMENTO:
EXPERIÊNCIA, TRAJETÓRIAS E VIVERES
NA CIDADE DO PRATA-MG. (1990 – 2010)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes.

Uberlândia, Junho de 2010

Ficha Catalográfica

Santana, Adriana Souza. (1987)

Trabalhadores Rurais em Movimento: Experiências, trajetórias e viveres na cidade do Prata-MG. (1990 – 2010)

Adriana Souza Santana – Uberlândia, 2010.

64 fl.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Trabalhadores Rurais, Experiências, Trajetórias.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sergio Paulo Moraes (Orientador)

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Prof. Ms. Túlio Barbosa

Agradecimentos

Em diferentes momentos diversas pessoas caminharam comigo e contribuíram para a realização deste trabalho. Não conseguiria neste texto indicar todos os nomes que me auxiliaram, assim agradeço todos os que estiveram envolvidos neste caminhar de forma indireta e diretamente.

Primeiramente agradeço ao Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes que no momento em cheguei ao ponto de desanimar, me mostrou que eu podia ser capaz, foi muito presente desde o momento que se tornou meu orientador, ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida e o Prof. Ms. Túlio Barbosa por fazerem parte da banca examinadora.

Também agradeço a Profa. Dra. Célia Rocha Calvo, que no início desta Monografia foi minha orientadora e me ajudou a direcionar este trabalho frente a muitos estudos e discussões.

Aos meus colegas de turma, duas pessoas em especial, Lidiane Viana Silva e Maria Betânia Moreira Carvalho, que desde o início do curso se tornaram mais que amigas, e estiveram comigo nos momentos mais difíceis da realização deste trabalho, sempre me incentivando e acreditando que eu poderia concluir esta pesquisa.

Agradeço a toda a minha família, em particular atenção aos meus pais, Emílio e Veralice, que são meu porto seguro, me encorajando e propiciando bons momentos e sábias palavras.

Não poderia esquecer meu esposo Fernando Pereira que foi a todo tempo muito companheiro, paciente e sempre me incentivou a lutar para conquistar meus objetivos.

Finalizando, agradeço a todos os trabalhadores entrevistados que contribuíram para a realização desta pesquisa, mostrando-me suas experiências de vida, abrindo suas casas e disponibilizando algumas horas dos seus lazers para que eu pudesse entrevistá-los. Foram eles que possibilitaram a desconstrução de certezas, abrindo o leque de problemáticas, que antes eram puramente teóricas e historiográficas e se tornaram problemáticas de vida. Quero agradecer especialmente, a Sra. Maria José Ribeiro Nascimento, que acrescentou muito a este

trabalho, trazendo valiosas lições, me mostrando o quão fascinante, instigante e desafiador pode ser o trabalho com a história oral.

Resumo

Neste trabalho foram discutidas a partir do diálogo com as fontes orais as experiências de trabalhadores rurais que chegam de outras regiões do país na cidade do Prata, neste caso os trabalhadores do Nordeste.

Analisei como estes trabalhadores vivem e se relacionam com a cidade. Pois ao longo da pesquisa descobri diferentes sujeitos que estão em uma mesma situação, são trabalhadores rurais, mas que por perspectivas peculiares e objetivos diversos, se estabelecem, vivem e relacionam com a cidade e com o trabalho de forma diferente.

A partir das narrativas, refletindo as experiências vividas destes trabalhadores, o trabalho, a família, os viveres urbanos, a relação com a cidade do Prata, foi possível discutir conceitos como a questão do pertencimento social, do ser migrante, de como é chegar, sobreviver, permanecer na região do Prata, das lembranças da cidade de origem observando de como todas estas questões alteram a região do Prata. Além disso, propõe-se investigar esse movimento de “ir e vir” desses trabalhadores rurais, pensando como esse movimento se altera conforme os objetivos pessoais, sonhos e aspirações de cada trabalhador.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I. Trabalhadores Rurais: Experiências e viveres na cidade do Prata.....	20
Capítulo II. Migração e Trabalho Sazonal: As diferentes maneiras de viver a cidade.....	47
Considerações Finais.....	58
Fontes.....	60
Bibliografia.....	62

Lista de Figuras

Figura 1- Foto de trabalhadores rurais no município de Prata-MG-----20.

Figura 2- Mapa de Localização do Triângulo Mineiro -----21.

Introdução

Esta monografia trata de trabalhadores rurais oriundos da Região Nordeste que vivem ou trabalham sazonalmente no município do Prata, discutindo como eles chegam até esta cidade e se relacionam com a mesma. A partir desta reflexão pretende-se discorrer sobre como essa relação está imbricada pelas disputas pelo direito de pertencimento, e por diferentes experiências e vivências que estes vão constituindo com a cidade.

Para compreender quais foram as motivações que levaram à produção deste trabalho torna-se importante observar o meu contato com as vivências desses trabalhadores e com minha trajetória própria de pesquisa.

Quando comecei a desenvolver este projeto em 2008, decidi por uma pesquisa centrada na minha cidade e que se relacionasse com as abordagens da História Social. Pois ao longo dos estudos acadêmicos na Universidade Federal de Uberlândia, foi se destacando para mim um maior interesse por essa perspectiva de pesquisa. Então, optei em investigar partindo do pressuposto de

***“uma história que partisse das questões do presente, que fosse capaz de lidar com indagações sobre outros sujeitos históricos silenciados pela historiografia dominante e que se esforçasse, enfim, por construir um olhar político sobre seus objetos de investigação...”*¹**

Eu cresci no município do Prata, mas passei praticamente toda a minha infância na fazenda e estou trabalhando há quatro anos em uma empresa de Reflorestamento de Eucalipto na área da agricultura. Neste serviço tenho a oportunidade de ter contato diário com os trabalhadores rurais, o que me possibilitou observar de perto os modos de vida, o cotidiano, as relações e vivências destes na cidade. A proximidade com a rotina dessa gente instigou-me a pesquisar como eles estabelecem relações com a cidade, com o trabalho; deste modo, iniciei meu projeto de pesquisa.

¹ FENELON, Déa Ribeiro. Apresentação. Outras Histórias: Memórias e linguagens (orgs). Ed. Olho d'Água, 2006. Pág. 05.

Nas conversas com esses trabalhadores rurais sempre aparecia a relação entre campo e cidade na vida deles, as suas experiências no município do Prata, o que significava fazer parte dele, quais são suas conexões com o trabalho, como era a vida na sua região de origem, esse período de chegada, permanência, e em outros casos o retorno a cidade natal, os sonhos, frustrações, dificuldades, e planos vivenciados. Sendo assim, a investigação foi caminhando em torno do que as pessoas me relatavam sobre as suas experiências e vivências na cidade e sobre suas lembranças do passado.

A pesquisa em História Social é constituída de trabalhos com pessoas comuns que se tornam sujeitos de processos sociais que, muitas vezes, estão obscuros na História dita como oficial. Sendo assim, trata-se, portanto, de encarar as práticas sociais, as histórias não contadas, os sonhos desfeitos, as memórias ocultadas e não inscritas, a vida cotidiana dessas pessoas que fazem parte de um processo muito importante para entendermos a realidade social.

Este processo são as diferentes formas de viver, de ser dominado ou de resistir à dominação. Essas resistências são de várias maneiras, podem ser de formas organizadas ou mesmo sob formas “surdas”, muitas vezes não sendo encaradas como formas de resistência. Como aborda a autora Yara Aun Khoury:

“O que propomos não é um estudo paralelo do social, do cultural, do econômico, do político, mas sim um estudo que leve em conta todas essas aparentes dimensões, sem qualquer compartimentação ou subordinação. Nesse sentido, interessam o investigador as lutas reais; não só aquelas que se expressam sob formas organizadas como também as “formas surdas” de resistência, estratégias ocultas de subordinação e controle.”²

Entender a dinâmica de ser sujeito de um processo em que a vida cotidiana, as relações diárias se tornam importantes para entender as relações sociais estabelecidas, é pensar em cultura como um modo de vida e assim um modo de agir, de persistir, um modo de lutar. É, então, a cidade um lugar em que se forjam os modos de lutar, de sobreviver, reinventar e criar laços.

A cidade configura-se como um lugar das contradições, das disputas pelos espaços físicos e simbólicos. Ela é marcada pelos processos vividos de dominação e

² KHOURY, Yara Aun. A pesquisa em História. Ed. Ética, São Paulo, 2006. Pág. 10.

resistência, espaço da contradição. Nela os sujeitos vão transformando seus modos de viver, construindo relações e criando vínculos, signos e valores. Nessa perspectiva KHOURY observa:

“Considerando a história um processo de disputas entre forças sociais, envolvendo valores e sentimentos, tanto quanto interesses, e dispostos a pensar e avaliar a vida cotidiana em sua dimensão histórica, a ponderar sobre os significados políticos das desigualdades sociais, nossas atenções se voltam para modos como os processos sociais criam significações e como essas interferem na própria história. Nesse sentido é que entendemos e lidamos com cultura como todo um modo de vida.”³

A migração destes trabalhadores rurais para o labor em outras regiões é forçada pela realidade social em que esses sujeitos viviam no local onde moravam antes. No caso dos Nordestinos, a região Sudeste do país apresenta-se como o eldorado, esperança para uma vida mais próspera, digna, como observa Dalva Maria de Oliveira Silva, “a terra da oportunidade onde existia trabalho para todos; a chance de riqueza para quem tivesse coragem e saúde para trabalhar”⁴.

O processo de migração ocorre em todo o Brasil. É preciso considerar que não são apenas os trabalhadores nordestinos que migram, mas tanto eles como outros de diversos locais têm em comum serem trabalhadores, fazendo parte do processo de migrar porque se deslocam em busca de trabalho, ou seja, a própria condição de ser trabalhador agrícola os leva a buscar trabalho em diferentes localidades. Estes deslocamentos não são só espaciais, mas também culturais por isso não acontecem de forma linear, eles são complexos e cada pessoa tem uma maneira de enxergar essa mudança. Sendo assim pretendo refletir como cada migrante pensa e vive este processo de ir ou de vir para a cidade do Prata, refletindo que os trabalhadores que chegam aqui trazem consigo seus valores e também com a vivência na cidade vão assimilando outras práticas cotidianas e assim integrando o seu passado com a realidade presente.

³ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. Muitas memórias, outras histórias (orgs). Ed. Olho D' Água, 2004. Pág. 117.

⁴ SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Memória: Lembrança e Esquecimento, trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. São Paulo, 1997. Pág 16.

Muitos dos trabalhadores rurais chegam e permanecem na cidade por tempo indeterminado, criando laços com a mesma e experimentando diferentes viveres urbanos, diferentemente daqueles trabalhadores que vivem indo e vindo de uma região para outra em busca de trabalho, estes são chamados de trabalhadores sazonais. Tanto os trabalhadores que se fixam em determinado local quanto os que vivem se deslocando de um lugar para outro, participam de uma realidade semelhante: estão longe de onde nasceram e se criaram, porém as perspectivas peculiares fazem com que estes criem vínculos diferenciados com a cidade e as populações da cidade os encarem de maneira diferenciada.

Os trabalhadores que chegam e ali permanecem, trazem a família, alugam ou compram casa na cidade, conseguem um trabalho fixo e duradouro, ali passam a pagar seus impostos, a utilizar-se das escolas, da vida urbana, são enxergados pela população local como pertencentes à cidade. Nas próprias entrevistas nota-se que aqueles trabalhadores que vivem na cidade sem o objetivo de regressar à terra de origem se interagem com a população local, colocando-se enquanto cidadãos da cidade.

Muitos trabalhadores que chegam à cidade, ainda sem trabalho, sem moradia, ou até mesmo aqueles que vêm em grupos numerosos e alugam uma moradia coletiva, trabalham por safras, por um tempo determinado, geralmente são homens que vêm desacompanhados, unicamente em prol de trabalho para posteriormente migrar para outra região ou retornar à terra natal. De certo modo, a população local os enxerga de uma forma mais desconfiada, suspeita porque eles não têm uma ligação com a cidade.

Durante a pesquisa cheguei a uma casa para procurar saber de trabalhadores rurais de outras regiões, logo os vizinhos me “alertaram” para não me aproximar muito deles, não entrar na casa sozinha, pois eles poderiam me fazer algum mal. Assim, pude perceber que estes trabalhadores são vistos de forma negativa porque estão na cidade sem um vínculo maior, eles são tachados como “os de fora”, pois amanhã não se sabe se estarão ali, se serão dispensados do trabalho, se terão lugar para morar. Existe um medo de que a falta de emprego leve os trabalhadores sazonais a marginalização.

Tais trabalhadores geralmente vêm para a região do Prata para lidar em lavouras de cana, de laranja e entre outros serviços rurais. Quando a safra acaba, uns voltam para sua região, outros migram para outros locais em busca de outro trabalho. Estes vivem na cidade, mas não criam vínculo permanente com ela, porque no fim da safra voltam para suas origens, levando geralmente os bens materiais que adquiriram, como eletrodomésticos, roupas, dentre outros, além de dinheiro tido como orgulho possível de levar à família fruto do trabalho fora da região. Assim a cidade do Prata serve apenas como local de trabalho e região que possibilita a conquista de bens.

Isto pode ser visto na entrevista do Sr. José Alves quando fala do Prata: “aqui é mais pra juntá um dinheiro, depois volto pra minha casa, que é Mirangaba, lá é minha cidade.”⁵ Ele deixa bem claro que ele está no Prata para economizar um dinheiro e porque ganha mais que na Bahia, por isso ele é um trabalhador sazonal. Ele não reside na cidade do Prata, vive nela para tirar do trabalho rural o sustento de sua família.

Contrastando esta idéia, a Sr.^a Romilda que faz mais de dez anos que mora no Prata; quando lhe pergunto se pretende retornar à Bahia, diz :

“... eu tenho vontade é de ir pra passear, vê a minha irmã que ficou lá, as minha tia, tenho saudade, mas pra morá eu não tenho vontade de ir nem, por causa que se eu ir eu queria levar meus filho tudo sabe, a minha mãe morreu aqui, meus filho já tá tudo casado e num vai largá as muié e ir embora pra Bahia. ”⁶

A Sr.^a Romilda deseja ir para a Bahia apenas para passear porque ela construiu uma nova vida na cidade do Prata, ela criou novos laços familiares com o casamento de seus filhos, com o nascimento de seus netos, comprou sua casa, seu marido tem um trabalho estável, além disso, quando chegou à cidade ela estava acompanhada dos pais, do marido e dos filhos, diferente do Sr. José Alves que deixou toda sua família na Bahia e que não tem condições de trazê-la e também nem demonstra desejo de vir morar no Prata.

⁵ Entrevista realizada com o Sr. José Alves dos Santos no dia 16 de novembro de 2009.

⁶ Entrevista realizada com a Sr.^a Romilda Rocha Lacerda no dia 19 de fevereiro de 2009.

Mesmo tendo as distinções, pude notar um motivo comum que liga os trabalhadores de outras regiões: é o trabalho agrícola. Porém o viver na cidade dependerá das perspectivas individuais de cada trabalhador.

Analisei as trajetórias individuais feitas por esses trabalhadores, as expectativas e sonhos, buscando interpretar as lembranças deixadas para trás, e também como são inseridos na cidade, refletindo sobre as condições de trabalho, moradia e lazer.

Ao chegarem de outros lugares do país, os trabalhadores trazem consigo suas experiências e modos de vida, mas também acabam absorvendo outras vivências na cidade; o contato com hábitos e valores diferentes no cotidiano ou no trabalho rural, os horários, a alimentação tudo isso tem que ser reorganizado para se estabelecerem na região.

A vida do trabalhador quando chega para lidar em lavouras é um deslocar diário da cidade para o campo, do campo para cidade; levanta de madrugada, pega o ônibus levando consigo a marmita com o almoço, a chamada “bóia fria”, chega tarde a casa, vive uma dura rotina diária, ficando em média doze horas por dia entre o trajeto e o trabalho no campo, tendo pouco tempo para viver o espaço urbano da cidade.

Geralmente as pesquisas sobre essa gente sempre aparecem na perspectiva de quantificar o número de trabalhadores que migram ou a contagem de pessoas oriundas de outras regiões e que estão na cidade, ou ainda em outros números para chamar atenção quanto ao crescimento do município, construindo a imagem da cidade hospitaleira, promissora e atraente aos olhos de outras regiões.

Buscando trabalhar com um formato diferente, captar estes trabalhadores para além das estatísticas, procurei refletir as experiências e os viveres desses sujeitos a partir das narrativas que eles foram me trazendo e dialogar com uma historiografia que legitima a memória social, que valorize os agentes históricos, os sonhos desfeitos, as frustrações, as histórias incompletas, os modos de resistir frente à dominação, as aspirações, lutas, a diversidade.

Isto significa a valorização das falas desses trabalhadores, tão carregadas de emoção, quando relatam as trajetórias percorridas, o ir e o vir do campo para a cidade (e vice e versa), as expectativas, sonhos, os familiares que deixaram na região natal, as

lembranças, as lutas, o modo como se inserem na cidade, as condições de trabalho, moradia, lazer.

O processo migratório traz inúmeras questões importantes a serem refletidas. A forma como o trabalhador rural se adapta, sente as transformações, vai criando vínculos com a cidade, vai se fixando permanente ou temporariamente é problemática. Ao chegarem de outros lugares do país, os trabalhadores trazem consigo suas experiências e modos de vida, mas também acabam absorvendo outras vivências na cidade.

A forma como os trabalhadores vão permanecendo na cidade, buscando a sobrevivência, tendo que se adaptar às mudanças, promove alterações tanto nos trabalhadores quanto na região.

Refletindo as transformações nos espaços que os migrantes vão ocupando, Sergio Daniel Nasser analisa que:

“Nestas experiências, os sujeitos imprimem suas marcas através das disputas cotidianamente, construindo e constituindo seus espaços nessa região, caracterizada por conflitos no que se refere ao direito de pertencimento ao local.”⁷

Componho assim uma pesquisa interessada em discutir estas questões, que não trace simplesmente o movimento migratório para a região do Prata. Aproximar desses trabalhadores e compreender quais os impactos desse processo na vida deles, o movimento de ir e vir, a questão de fixar na cidade ou não, investigar as alternativas de sobrevivência, entender como a cidade se apresenta para eles, só foi possível a partir das narrativas desses sujeitos.

As fontes orais possibilitou que certezas e idéias que se tinham a respeito desses trabalhadores fossem desconstruídas, levando a novas problemáticas e dúvidas que iam ao mesmo tempo sendo sanadas com as entrevistas, porém apresentavam-se

⁷ NASSER, Sergio Daniel. “Eu vou entrar no mundo” Experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto, 1980-2007. UFU, 2008. Pág. 106

outras. A história oral traz a oportunidade de descrever “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.”⁸

A história oral é importante para refletirmos a vida das pessoas e como elas interpretam suas experiências a partir do que viveram antes e de como estão vivendo agora. A temporalidade das memórias não obedece a um tempo cronológico, cada um narra aquilo que fica marcado, ou que é lembrado através de uma pergunta, através da relação entre passado e presente; é que a memória vai se formando na fala de cada um.

THOMSON discute que a memória é um processo que vai sendo construído e reconstruído a partir de experiências vividas ao longo da vida, e estão sempre em transformação, pois:

“as histórias que relembramos não são representações exata de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem as nossas identidades e aspirações atuais.”⁹

Os relatos dos trabalhadores rurais mostram como a vida se revela uma disputa diária por identificação social, e as entrevistas contribuem para uma aproximação com o sujeito da pesquisa, a fonte oral revela experiências de várias pessoas que vivem situações semelhantes, mas que ao mesmo tempo têm diferenças nas suas maneiras de interpretar a realidade, “é um texto de múltiplas interpretações e múltiplas vozes”.¹⁰

PORTELLI traz uma importante contribuição na análise da História Oral discutindo como esta se revela como uma fonte para o trabalho histórico e é útil para compreender como as pessoas entendem, relatam um determinado acontecimento a partir de suas experiências presentes.

Isto fica nítido no diálogo com os trabalhadores rurais, na medida em que se observam os que conseguem fixar-se na cidade, prosperando-se, desfrutando de uma vida que não tinham no lugar de origem, percebem a cidade de forma positiva,

⁸ PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. Projeto História, PUC - SP, n. 14, 1997. Pág. 31.

⁹ THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. In: Projeto História, PUC-SP, 1997. Pág.57.

¹⁰ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, PUC- SP, n.15, 1997. Pág. 27

referindo-se a ela como aquela que lhe possibilitou uma ascensão de vida e a realização dos seus sonhos.

Já aqueles trabalhadores que vieram e não conseguiram uma estabilidade, ou que deixaram a família, viram seus sonhos frustrarem, não conseguiram conquistar tudo que almejavam quando saíram da sua região, narram sobre o local de onde vieram como melhor, tendo uma visão marcada por mágoas, lamentações e decepções em relação à cidade do Prata. Assim, nota-se que a partir do vivido hoje, do presente, é que as pessoas pensam o seu passado e então falam sobre ele.

Pesquisar as experiências desses sujeitos sociais que vivem em um processo de constantes transformações, e que na maioria são excluídos pela historiografia dominante me fez olhar para a cidade com outros olhos, vendo que ela é um espaço de conflitos, de disputa entre forças sociais. Pertencer é um conceito muito importante na vida dos trabalhadores advindos de outros lugares do país, que sofrem com uma “desconfiança” da população natural da cidade, ou que vivem nela há mais tempo; para estes, aqueles não fazem parte do “Nós”. Como diz Richard Hoggart:

“A noção de grupo é reforçada pelo isolamento em que o grupo se mantém pela concepção de que o mundo se divide em “Nós” (os membros de um grupo) e “Eles” os que estão de fora.”¹¹

Os moradores acabam negando os sujeitos que chegam para trabalhar enquanto pertencentes à cidade, isolando-os, tratando-os muitas vezes com expressões pejorativas e de forma hostil. As transformações decorrentes da presença desses trabalhadores são muitas vezes rejeitadas pela população local.

Nesta discussão entre a questão da diferença. Os trabalhadores quando chegam trazem seu modo de viver, que muitas vezes não agrada aos moradores, que acabam não considerando-os como parte da cidade. A diferença permeia o trato social, e as narrativas dos trabalhadores permitem compreender as relações vividas na cidade a partir do que as pessoas contam e como elas se expressam ao falar de suas experiências.

¹¹ HOGGART, Richard. As utilizações da Cultura. Lisboa: Coleção Questões, 1973. Pág. 87.

Os trabalhadores migrantes ou sazonais, quando chegam à cidade, buscam trabalho rural, em especial a cana, em que geralmente se trabalha por produção e cujo ganho é maior. Muitos chegam já contratados pelas empresas rurais e outros vêm com a intenção de arrumar trabalho quando chegar à cidade. Na maioria das vezes o tipo de serviço, o tempo e o local não importam muito aos trabalhadores sazonais; o que eles precisam é do dinheiro e quanto melhor o salário maior é o tempo que eles permanecem num determinado emprego e na cidade porque assim podem economizar mais para levar de volta para o seu município de origem.

O objetivo do trabalhador rural que migra de outras regiões é uma luta por melhor qualidade de vida e também por respeito a sua maneira de ser, por isso a conquista de algo é um motivo de satisfação, como um salário no final do mês que seja garantido. A segurança de ter uma renda maior, a educação para os filhos e alimentação razoável muitas vezes é o motivo de saírem de seu espaço social. Essas conquistas têm uma representação de reconhecimento e pertencimento, principalmente quando o trabalhador pretende se estabelecer por tempo indeterminado na cidade, ele passa a se enxergar como pertencente àquele local, porque ele cria vínculos com a cidade: de comércio, de amizades conquistadas, de trabalho e de moradia.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro discuto como os trabalhadores rurais que vêm de outras regiões do país se estabelecem na cidade e que significados e sentidos têm para eles viver no Prata, quais trabalhos fazem, como moram e como falam de sua terra natal a partir de suas experiências vivenciadas na cidade do Prata.

No segundo capítulo, analiso as diferenças desses trabalhadores migrantes e sazonais na cidade, por que alguns decidem viver e trazer a sua família para a cidade e outros ficam nela durante apenas um período e voltam para a cidade da qual vieram, quais os motivos que os fazem ficar e viver na cidade e quais os fazem viver indo e vindo.

Capítulo I

Trabalhadores rurais: Experiências e viveres na cidade do Prata.



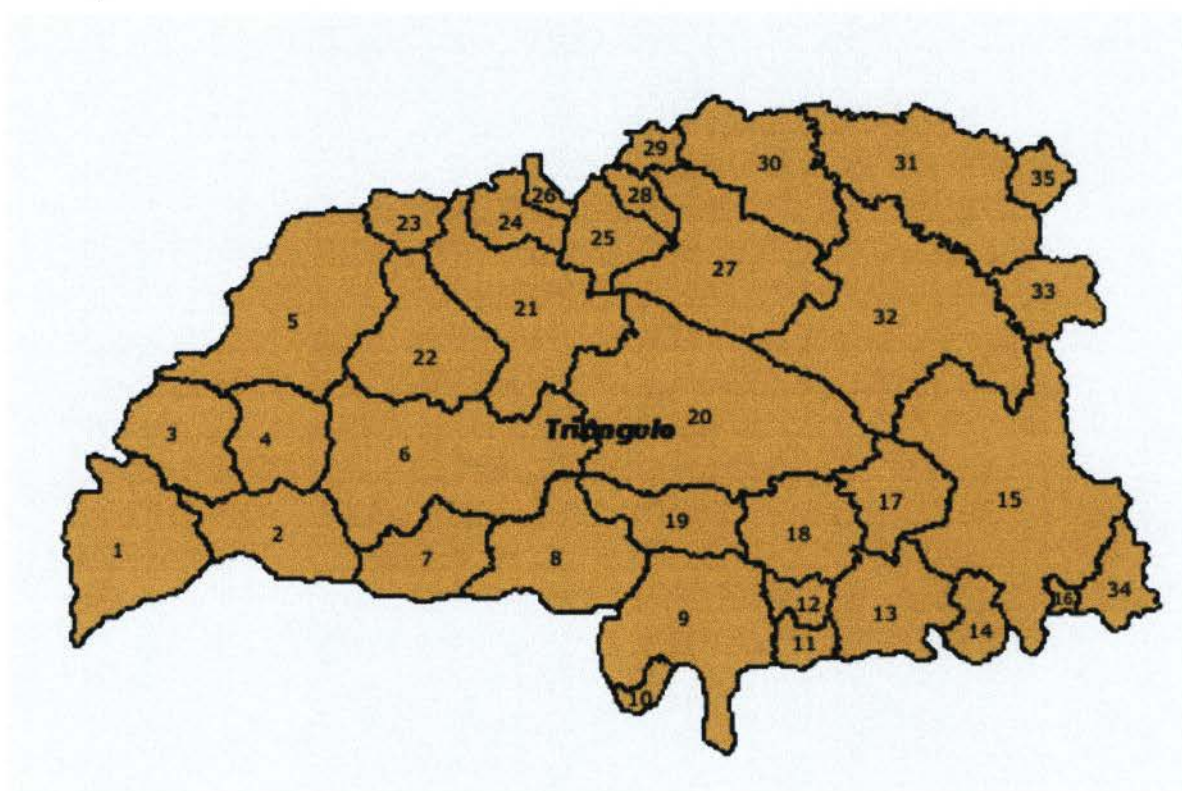
Foto de trabalhadores rurais plantando eucalipto em Prata-MG, tirada em 16/04/09.¹²

A cidade do Prata é localizada no centro do Pontal do Triângulo Mineiro no Estado de Minas Gerais, sendo o maior município em extensão territorial da região, está situada às margens da rodovia BR 153, que liga vários estados brasileiros, como São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Prata faz parte da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e da microrregião de Uberlândia, além de se localizar próxima a várias

¹² Foto tirada em uma área de plantio de eucalipto da empresa, Plante Bem Serviços Florestais da cidade do Prata, no dia 16 de abril de 2009.

outras cidades como Ituiutaba, Monte Alegre, Frutal, Uberaba, entre outras. Por possuir um vasto território, o município disponibiliza de muitas fazendas e áreas agrícolas, sendo a pecuária e a agricultura suas principais atividades econômicas. Na agricultura destaca-se o cultivo de cana, laranja, milho e também o reflorestamento com a plantação de pinus, eucalipto e seringueira¹³.

A partir do mapa¹⁴ do Triângulo Mineiro pode se observar o tamanho territorial do Município:



Mapa 01 - Triângulo Mineiro - Cidade Nº 20- Prata – MG.

A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, na qual está localizada a cidade do Prata, fica interligada com grandes capitais de vários estados e consequentemente com grandes mercados consumidores. Por suas características físicas e ambientais essa região tem muitas terras propícias à produção agropecuária. Por causa desses

¹³ Disponível no site: www.ibge.gov.br

¹⁴ Disponível no site: www.sacrahome.net/ site localizado na pesquisa da página www.google.com.br/mapadotriangulomineiro.

fatores muitas empresas e grandes proprietários de terras investem na Zona do Triângulo Mineiro.

Com os investimentos no setor agropecuário, os trabalhadores do campo vivenciaram um processo que foi expulsando-os de suas terras. Com a modernização da agricultura, principalmente entres as décadas de 60 e 70 no Brasil em que os Militares estavam fortemente no poder governando para a elite, o campo tornou-se um meio de acumulação de riqueza dos grandes empresários e os pequenos proprietários foram obrigados por não conseguirem acompanhar a modernização da agricultura a se tornarem proletários e venderem seu trabalho para os grandes fazendeiros e empresários que compravam suas terras. Na maioria das vezes eles voltaram para o campo, mas de outra maneira, como trabalhador bóia-fria, que trabalha no campo e reside na cidade. Como cita D'INCÃO:

“À medida que essa autonomia vai se perdendo, que não é dada ao trabalhador do campo nem sequer a independência para plantar sua roça, que ele vai se transformando num assalariado – disfarçado ou não - que vende a sua força de trabalho ao capital, em troca do necessário para a sua sobrevivência, vai se despersonalizando como homem do campo. Passa a sentir-se como um homem que faz qualquer trabalho no campo ou na cidade, desde que dê para viver.”¹⁵

Com o processo de modernização da agricultura no Brasil e a degradação dos pequenos proprietários, o tamanho das terras cresceu rapidamente, fazendo que aumentasse a concentração de terras. A partir deste contexto, o Brasil vivenciou principalmente no período da ditadura militar, com as políticas intervencionistas e de facilitação de créditos para grandes empresários, uma situação de expropriação e exclusão na qual surgiram os movimentos de luta pela terra.

O Movimento Sem Terra é um movimento, uma luta política pelo direito à terra que se coloca em embate contra a exclusão e opressão do capitalismo que fez da terra um centro de poder, de concentração de renda e que expulsou os camponeses e pequenos produtores de suas posses. Este movimento é uma forma de luta organizada contra a situação que foi imposta a eles, pois o capitalismo fez crescer a desigualdade

¹⁵ D'INCÃO, Maria Conceição. O bóia fria acumulação e miséria. Ed. Vozes, Petrópolis, 1981. Pág. 72.

material entre os trabalhadores, a terra passou a ser disputada por ser um meio de produção de riquezas para os latifundiários e grandes empresários que tomada dos trabalhadores que tiravam dela o seu sustento, sendo estas pessoas obrigadas a refazer suas vidas, como ir morar na cidade e passar a trabalhar na terra como assalariado, recebendo um baixo valor pelo seu trabalho. O Movimento dos Sem Terra é uma mobilização que nasce deste processo, pois eles ocupam propriedades improdutivas que, para eles, são um meio de sobreviver a uma realidade marcada de sofrimento e luta constante contra a exclusão e a concentração de terra e de capital.

A economia agrária, que é chamada de agronegócio, teve um grande crescimento nos últimos anos no Brasil. A terra é disputada pelas grandes empresas e assim os pequenos proprietários foram e estão sendo levados a entregar as suas posses para as mãos das grandes potências capitalistas, como as grandes usinas de açúcar e álcool, grandes empresas de reflorestamento. Eles arrendam a terra do fazendeiro e assim produzem nela e ganham muito dinheiro, beneficiando-se do que ela é capaz de produzir, sem precisar investir um grande capital pois eles não compram as terras, apenas arrendam o tempo necessário e até quando a terra estiver fértil, depois procuram outras regiões.

Nas cidades do interior, o agronegócio tem se desenvolvido fortemente. O Triângulo Mineiro é muito rico em terras de pastagens, pois a pecuária é também uma forte atividade econômica da região. Como aqui as terras são muito férteis, são inúmeras as empresas que se instalam na região, e para a execução das atividades, como a colheita da cana, o plantio de eucalipto, seringueira, se torna necessária a contratação de muitos trabalhadores rurais. Assim o crescimento acelerado do agronegócio no Brasil faz com que inúmeras pessoas vão se deslocando de uma região para outra, em todo o território brasileiro, em busca de trabalho.

A migração interna cresceu no primeiro momento com êxodo rural, e logo com o desenvolvimento das indústrias ela se expandiu nos grandes centros urbanos, das pequenas para as grandes cidades; e hoje a migração está crescendo também nas pequenas cidades com o investimento no agronegócio. A relação entre campo e cidade

foi crescendo, um depende do outro, mas ao mesmo tempo são diferentes, e o trabalhador rural também vive essa relação entre campo e cidade. Eles moram na cidade e vão para o campo trabalhar, tiram deste o seu sustento, mas é na cidade que constroem suas vidas. O trabalhador migrante vai aonde tem emprego, uma vida melhor; migrar se torna uma alternativa de sustento seja individual ou familiar.

É importante refletir sobre a experiência dos trabalhadores dentro da cidade, como eles vivenciam todo o processo de migrar e de ser migrante, pois são esses trabalhadores os sujeitos de todo um processo de estar na cidade em que na suas vivências eles imprimem seus modos de viver e de fazer parte dela.

As fontes utilizadas para fazer estas reflexões são orais, narrativas dos trabalhadores rurais que vivem no Prata, de diferentes idades, e tanto os que vivem aqui há muitos anos e aqueles que vieram cá recentemente. Tais relações nos fazem compreender como é enxergada a vivência deles na cidade do Prata. Foram ouvidas pessoas que nasceram no município do Prata, para entender como eles interpretam a chegada e a vivência destes trabalhadores na cidade e como isso reflete em seus modos de vida, problematizando suas trajetórias, suas atitudes e valores através do diálogo com as suas memórias.

Nos órgãos públicos não há nada relativo à presença de trabalhadores de outras regiões no Prata. Existem apenas pequenas notas nas páginas de jornais falando da chegada e dos benefícios econômicos de uma Usina de açúcar e álcool na cidade, na época em 2006. O que contribuiu para inferir que o poder público deixa de lado a questão social, e valoriza apenas o fator econômico.

Há localidades onde existe um centro de triagem de trabalhadores nas cidades para tentar orientá-los ou também para controlar a entrada deles na mesma; criando se rede de informações entre cidades vizinhas para o envio destes trabalhadores para este ou aquele município. Sergio Daniel Nasser discute em sua dissertação de mestrado abordando que: "... tal prática de dominação foi e é utilizada amplamente como forma de disciplinar o uso do espaço e restrição do acesso à cidade a algumas classes

sociais”.¹⁶ Mesmo sendo um órgão de auxílio a população migrante o poder público o utiliza para controle do acesso a cidade.

Na cidade do Prata não há nenhum órgão responsável por estes trabalhadores migrantes ou sazonais, geralmente eles têm relação com os chamados “gatos”, empreiteiros que os contratam para trabalhar no campo. Comumente eles conseguem casa para alugar e um mercado para se manterem até se estabelecerem, mas tudo por conta do trabalhador; eles ajudam porque precisam de que os trabalhadores continuem na cidade, mas toda a ajuda é cobrada no salário ou no acerto do fim da safra. Outros trabalhadores chegam por conta própria, sem lugar para morar, para trabalhar e vão em busca disso sozinhos.

Em toda a pesquisa, ao perguntar às pessoas vizinhas se sabiam onde moravam trabalhadores de outras localidades, ouvi inúmeros comentários; “você vai lá sozinha, cuidado”, “esses baianos moram logo ali, um monte de homem.”¹⁷,

São falas que mostram como que a convivência destes trabalhadores na cidade é permeada de lutas e conflitos; como muitos residem numa mesma casa, várias pessoas da cidade acham perigoso passar na rua à noite. Por ser um modo diferente de moradia, a população mais conservadora, que está acostumada a ver a casa como lar, onde vivem os membros de uma família, veem com desconfiança essas pessoas, ignorando que este modo de viver é uma tentativa de permanecer na cidade e tirar do trabalho rural o sustento para si e para a família que ficou em sua terra ou que estão junto deles na cidade.

Os trabalhadores de outras regiões geralmente são vistos e citados como não pertencentes à cidade por não terem nascido ali, porém na realidade, eles fazem parte da cidade desde o momento de sua chegada, pois constroem relações com a mesma, no seu dia a dia com a sua família e amigos que comumente vem junto para trabalhar, no próprio trabalho no campo, e até mesmo na economia da cidade, com a participação no comércio a partir do momento que se estabelecem e moram no local.

¹⁶ NASSER, Sergio Daniel. “Eu vou entrar no mundo” Experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto, 1980-2007. UFU, 2008. Pág. 15

¹⁷ São comentários que ouvi de pessoas que vivem na cidade do Prata quando estava procurando informações sobre moradores de outras regiões na cidade para realizar as entrevistas.

As pessoas ao falar do trabalhador migrante têm como referência, na maioria das vezes, a sua origem. Essa alusão parte de uma visão hegemônica, que vê o trabalhador apenas como mão de obra para o mercado de trabalho, e enxerga a migração como um evento físico, de sair de um lugar para o outro, todavia diante do olhar social, o conceito de migração está muito além de mudança de lugar, é um processo cheio de experiências e viveres, a migração é vivida, não é um processo neutro, existe sempre um fim, um desejo quando esses trabalhadores vêm para a cidade do Prata ou para outros locais.

A partir dessa perspectiva capitalista é que a maioria das pessoas – a população local da cidade, os empregadores, os órgãos públicos e até o próprio pesquisador - acaba absorvendo essa visão e assim excluindo esses trabalhadores da sociedade em que passam a viver.

No trabalho de Fausto Brito sobre as migrações internas no Brasil, ele discute os paradigmas desse processo entre 1950 até pós 1980 e suas teorias recentes, partindo de uma visão que coloca o migrante como:

***“... um indivíduo dotado de racionalidade econômica na decisão de migrar e, portanto, capaz de desenhar os seus caminhos pelo território de uma maneira adequada às necessidades do mercado de trabalho”.*¹⁸**

Na perspectiva de Fausto Brito o migrante é visto como uma pessoa que migra para se adequar às necessidades do mercado de trabalho. O trabalho realmente é um dos motivos principais da migração, mas eles se deslocam por uma necessidade de trabalhar e de mudança ou melhoria de vida, ou seja, além do trabalho existem outras motivações que fazem com que eles deixem seu lugar de origem em busca de outras localidades.

“As migrações internas não têm as restrições das migrações internacionais resultantes das fronteiras das nações soberanas. Contudo, observam-se, cada vez mais, barreiras econômicas, sociais e políticas ao livre movimento

¹⁸ BRITO, Fausto. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. In. UFMG, 2009. Pág. 03

dos migrantes internos. Pode-se dizer que a liberdade de movimento da mão-de-obra, se nunca foi plena para a totalidade da população, atualmente está cada vez mais condicionada a fortes restrições.¹⁹

BRITO, no trecho acima, ao falar das restrições que as migrações internas no Brasil estão vivendo, usa o termo “liberdade de movimento de mão-de-obra” essa expressão coloca esses sujeitos apenas relacionados com a economia, política e trabalho; esta é uma visão hegemônica em que a pessoa migrante é parte secundária da pesquisa, sendo mencionados como números e quantidades.

Ao contrário o fluxo migratório tem que ser discutido a partir de uma perspectiva social que analisa a economia, a política e o trabalho para refletir, como através destes, as pessoas criam práticas sociais que se configuram em lutas, resistência, conformismo e disputas na cidade. Os trabalhadores migrantes não são números, são pessoas que vivem o processo migratório; a migração não é apenas um movimento físico, mas um movimento de memórias e de histórias vivas.

A historiografia da migração diversas vezes coloca o trabalhador rural como excluído da cidade, ou mão-de-obra excedente, esses termos desconsideram o sentido social de ser um trabalhador que vive na cidade. Todas essas visões partem apenas do fator econômico e político de migrar, mas o principal é que significados e consequências têm, na vida desses trabalhadores, sair de suas origens. Não é apenas mudar de cidade, é mudar de costumes, de ter que deixar familiares para trás sem saber o dia que vai voltar, e viver em um espaço em que a maioria os enxerga como migrantes e não como pessoas trabalhadoras que vêm em busca de algo que não conseguiram ter na cidade que nasceram ou viviam antes.

Na dissertação de mestrado de Dalva Maria de Oliveira Silva, ela discute sobre os “Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960”, o próprio título já coloca o trabalhador no seu local de origem, que é de Nordeste no Pontal, ou seja, ele é nordestino que vive no Pontal, mas não é parte

¹⁹ BRITO, Fausto. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. In. UFMG, 2009. Pág. 22.

desta região. É uma pesquisa importante para a historiografia social, que discute a inexistência do “Nordestino” nas estatísticas que tornaram Ituiutaba a cidade conhecida como “A capital do Arroz” nas dec. de 50 e 60; ela expõe todas as expectativas e experiências dos trabalhadores migrantes através das fontes orais. Mas que por sua vez em muitos momentos de sua escrita coloca o trabalhador como aquele que vivencia a cidade, mas não faz parte dela, reconhecendo-o como nordestino:

“Adaptaram-se mas não deixaram de ser nordestinos, não apenas pelo sotaque ou por hábitos que ainda possam preservar, que os tornam diferentes do mineiro, mas porque ser nordestino, é uma característica pela qual são reconhecidos na cidade... a diferença , que gera preconceitos, aqui se transforma em fator de reconhecimento.”²⁰

Quando iniciei a pesquisa com os trabalhadores, os primeiros questionamentos eram: Por que você veio pra cá? Não tem vontade de voltar para a sua terra? Essas questões já colocavam o trabalhador como não pertencente ao local que eles escolheram para trabalhar e viver. Nas minhas interrogações, eu mesma já dizia para o entrevistado que ali não era a sua cidade. Quando lhe perguntava por que está aqui, na condição de nascida no Prata, eu estava me colocando como a que faz parte da cidade e os trabalhadores como os que não fazem parte. Assim, na própria pesquisa a visão hegemônica estava presente. Como a perspectiva capitalista que enxerga os trabalhadores não como pessoas que possuem modos de vida e que com a migração esses modos vão sendo feitos e desfeitos a todo o momento e são feitos e refeitos em meio a lutas e conflitos, que se configuram na cidade. Por isso, é importante pensar como a cidade, na perspectiva capitalista, se torna excludente.

Sair da armadilha de pensar o trabalhador migrante conforme a visão hegemônica que o enxerga somente nas suas origens e de querer sempre colocá-lo como o “de fora”, “o nordestino”, o “baiano”, o “Paraíba”, aconteceu quando tive contato com os entrevistados.

²⁰ SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Memória: Lembrança e Esquecimento, trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. São Paulo, 1997. Pág 38/39.

Considerando-os como sujeitos históricos, já tendo uma visão social de pesquisadora, com o aprofundamento do estudo da Historiografia Social e das leituras ligadas à problemática da história oral, passei então, a analisar as entrevistas com olhar crítico, dialogando com os trabalhadores sem me colocar em uma posição superior a eles, mas sim me relacionando com os entrevistados de igual para igual, enxergando os trabalhadores socialmente. Assim como discute KHOURY que:

“Lidando com as problemáticas do trabalho e do trabalhador, das cidades e do viver urbano, refletindo sobre a cultura e a memória, vamos refazendo noção de sujeito histórico. Isso requer ter em mente a perspectiva de lidar com homens e mulheres não como indivíduos compartimentados, mas fazendo-se socialmente, compartilhando experiências e memórias, moldando a realidade ao tempo que são moldados por elas.”²¹

Os trabalhadores são mais que migrantes que saem de um lugar para o outro, são lutadores que deixam suas raízes em busca de uma qualidade de vida melhor para si e para sua família. Então, quando chegam à cidade, ela se torna uma esperança, uma nova expectativa, passa a ser o lugar onde tentam realizar os seus sonhos, como educar os filhos, mantendo-os na escola, morar em uma casa melhor. Vivendo essa busca, eles passam a pertencer à cidade, pois na sua permanência, seja fixa ou transitória, eles vivenciam no cotidiano as disputas e embates naquele local, sua vida é permeada de lutas, a casa, o trabalho, as relações com as pessoas da cidade. E é em meio a esses embates que as memórias dos trabalhadores vão sendo construídas e que eles vão interpretar as suas experiências e falar sobre as suas trajetórias.

A cidade é o lugar das diferenças por isso ela é conflituosa a todo o momento e ser migrante na cidade é ser diferente para os que olham de fora essas pessoas, mas estes trabalhadores disputam ser reconhecidos como cidadãos, e ter os mesmos direitos na cidade tanto quanto os Pratesenses²².

Déa Ribeiro Fenelon quando fala de cidade como o lugar da pluralidade, discute que:

²¹ KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. Outras Histórias memórias e linguagens (orgs). Ed Olho d'água, 2006. Pág. 27.

²² Denominação para quem nasceu na cidade do Prata.

“... esses moradores deixam suas marcas registradas ou vão imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico, marcas que traduzem a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida neste cotidiano urbano”.²³

O trabalhador rural que vem da região do Nordeste sofre um conflito ao chegar à cidade que é a discriminação por seu jeito diferente de ser, sua maneira descontraída de agir, por sempre falar em voz alta, são tachados como perigosos, que não sabem falar certo, por causa de seu sotaque, até mesmo a sua forma física é forma de discriminação, são apelidados de “cabeça chata”, “barriga verde”, termos que para quem escuta de fora pensa que é apenas uma brincadeira, mas para quem recebe o apelido, neste caso o trabalhador, tem feridos a auto-estima, os seus valores e a sua cultura.

Esses apelidos podem ser um exemplo de como a sociedade contemporânea pensa o outro, aquele que tem uma cultura diferente, uma forma de se expressar diversa. O isolamento e o individualismo fazem as pessoas se sentirem “donas” de um espaço, mas pelo contrário, a cidade teria que ser um local de convivência social onde o homem tem o direito de estar e viver.

Os trabalhadores do Nordeste, como tantos outros, enfrentam a falta de trabalho no local de origem, além disso, a seca pode tornar suas vidas ainda mais difíceis, pois a maioria das famílias pobres se sustenta nessa região através das plantações de roças, eles são lavradores. Com a seca a colheita dos alimentos é prejudicada, então, a sobrevivência para essas pessoas é parte de uma luta que recomeça a cada amanhecer. Como Nasser coloca as:

“... atividades rurais cotidianas são extremamente importantes à medida que criam uma estrutura familiar local de sobrevivência, a qual é abalada quando ocorrem dificuldades e falta de condição para o seu desenvolvimento.”²⁴

²³ FENELON, Dea Ribeiro. Cidades (orgs). São Paulo: Olho d'Água, 1999. Pág. 06

²⁴ NASSER, Sergio Daniel. “Eu vou entrar no mundo” Experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto, 1980-2007. UFU, 2008. Pág. 38

Para os trabalhadores que são de região nordestina é difícil sobreviver se não for pela agricultura familiar, as plantações de roças de milho, de arroz e de feijão, que serão consumidas e vendidas em feiras. Visto que no Nordeste, o trabalho assalariado nas cidades do interior é muito escasso, quando algum empecilho, como a seca, se põe no caminho destas pessoas, ir para um lugar que tenha um trabalho em que se ganhe um pouco mais, se torna a melhor alternativa.

Os trabalhadores migrantes falam das dificuldades que enfrentam ao vir para um lugar diferente, mas chegam com a vontade de mudar de vida; quase sempre isso não acontece de maneira fácil, mas o fato é que tanto na cidade do Prata, ou em outras regiões do país tem emprego no campo para esses trabalhadores, e lá no Nordeste, quase sempre, não tem. Por isso, eles vão buscar outros espaços para construírem uma vida melhor. Sergio Daniel Nasser discute ao falar de migração na região de Ribeirão Preto que “a migração aparece como solução para parte considerável dos problemas vivenciados no passado...”²⁵; Considerando que os migrantes dos quais ele fala são pessoas que se estabeleceram na cidade, construíram casas, levaram suas famílias, ou seja, estes trabalhadores conseguiram estabilidade para morar na cidade.

O ato de migrar é muito mais que sair de um espaço físico, mas também da chegada a um local em que as pessoas têm modos de vida diferentes, como alimentação, lazer e o próprio trabalho. Então em cada lugar se torna necessário um reorganizar de toda uma maneira de viver, por isso a migração é uma experiência cheia de significados que interfere na vida das pessoas.

O autor Alistair Thomson reflete a questão da migração como algo que vai além de migrar, é um processo muito complexo e que as narrativas são uma das formas de entender o significa migração.

“O testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram “a complexidade do real processo da migração” e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades.”²⁶

²⁵ NASSER, Sergio Daniel. “Eu vou entrar no mundo” Experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto, 1980-2007. UFU, 2008. Pág. 36

²⁶ THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: Historia oral e estudos de migração Revista Brasileira de História, vol. 22, nº 44, 2002. Pág.345

Para tentar entender todos os sentidos e valores desse movimento de migrar, de trabalhar no campo e viver na cidade, de ser um trabalhador do Nordeste, fui buscar através do diálogo com pessoas que vivenciam esse processo de vir da Região do Nordeste para a cidade do Prata em busca de trabalho. Só assim pude, então, compreender como que eles sendo sujeitos desse movimento interpretam suas experiências.

A Senhora Maria José Ribeiro, que veio de Pernambuco em 2003 para a cidade do Prata, conta-nos um pouco de suas experiências, como foi sua vinda para a cidade:

“Eu nasci e mi criei num sitio, município de Tabira, tive a minha infância e minha adolescência todinha ali, com idade de 20 anos eu casei, fui mora numa cidade chamada Afogados, morei por cinco anos e meio, meu esposo trabalhava lá numa empresa muito boa de móveis, foi a única vez que ele teve o privilégio de fichar carteira lá, depois por falta da empresa usufruir mais, ela teve que manda os funcionários embora, a gente teve de ir pra outra cidade chamada Tuparetama que de onde eu sai, lá foi onde eu mais sofri porque lá num tinha serviço mesmo, as minhas meninas choravam de fome, elas passavam necessidade lá nessa cidade que eu morei, eu chegava ao ponto de que um pão era o que eu tinha para dar a elas, e aquilo me constrangia muito e foi o que me deu força, me deu corage otimismo mesmo de deixar minha mãe, deixar minhas irmã , eu tenho onze irmã fora eu, são onze, lá ta tudo lá com minha mãe, só tenho eu fora.”²⁷

Maria José cita as dificuldades que passou em sua terra natal e a motivou a vir para a cidade do Prata, deixando seus parentes e sua terra. Ela veio para cá através de duas missionárias da Igreja Batista que lhe falaram sobre a cidade do Prata, porque já moravam lá e que era um local bom de serviço, Maria José é casada e tem duas filhas, e quando ela conta das necessidades que sua família passou ela se emociona ao lembrar-se disso, ela tem muito nítido na sua memória o sofrimento que passou com sua família em Pernambuco. Maria José continua falando dos motivos que a fez vir para cá:

“na minha cidade lá você trabalha di dia pra cume a noite, o futuro a Deus pertence, lá num tem nada assim você faz um futuro pra um filho, pra pagá uma faculdade uma coisa assim que é um meio deles terem um futuro melhor, lá num tem serviço, lá num é falta de serviço, num tem mesmo, o

²⁷ Entrevista realizada com a Sr.^a Maria José Ribeiro do Nascimento no dia 24 de novembro de 2009.

*povo aqui no Prata eles chora de barriga cheia, lá o pessoal chora de barriga vazia mesmo, porque num tem mesmo, o povo lá é muito trabalhador, muito esforçado, mas num tem, trabalhá lá de carteira fichada é um sonho, um sonho que nem todos tem esse sonho e aqui no Prata eu vim por causa disso.*²⁸

A falta de um emprego para poder se manter na sua terra natal fez com que Maria José procurasse outra opção para viver, foi então que ela decidiu tentar realizar seus “sonhos” na cidade do Prata, como ela mesma disse uma faculdade para as filhas, um emprego de carteira assinada, uma vida mais digna. Frente às dificuldades que passou ela teve coragem de ir à luta por uma melhoria da qualidade de vida sua, de seu marido e de seus filhos, deixando seus parentes e seus entes em Pernambuco, a necessidade teve força maior frente aos laços familiares.

Mas em paralelo com as lembranças de sofrimento que Maria José tem de Pernambuco, ela fala também das coisas que ela sente falta:

*“o povo lá do lugar pra mim era uma família, lá em Pernambuco todo mundo é uma família, num basta se só a família de sangue, mas a família, o lugar mesmo, as pessoas são gamadas, as pessoas são assim como eu quero dizer carinhosa e hospitaleira, então se torna uma família a ponto de se um conzinha um negócio diferente na casa dá pra todos daquela rua ali, então eu vim pra cá mesmo por falta de serviço, por não ter outra opção, mas eu sofro muito com a distância e a saudade do meu lugar.”*²⁹

A simplicidade e a união em que Maria José vivia em Tuparetama são lembradas com saudade por ela, o modo que era a sua vida lá, em que cada comida diferente que era feita na casa de um morador era compartilhada por todos daquela rua, é um costume que ela tinha, um modo de viver que foi perdido com a vinda para a cidade do Prata, pois em local que ela não conhecia ninguém, essa prática de partilha ficou pra trás junto com Pernambuco. Ela, ainda, recorda a sua infância:

*“(Risos) minha infância foi uma infância que nem minhas próprias filhas têm, minha infância foi muito boa assim, uma infância bem humilde, bem amorosa, bem calorosa, sem violência, hoje ninguém, as crianças de hoje não tem o privilégio que eu tive.”*³⁰

²⁸ Entrevista realizada com a Sr.^a Maria José Ribeiro do Nascimento no dia 24 de novembro de 2009.

²⁹ (Maria José) Idem.

³⁰ (Maria José) Idem.

A infância sem violência que hoje suas filhas não têm privilégio de viver é lembrada por Maria José após ter ocorrido um fato alguns dias antes dela conversar comigo. Ela é proprietária de um pequeno Salão de Beleza em sua casa, e foi roubada de seu salão uma prancha de cabelo, porque ela havia deixado a porta do salão aberta e tinha saído o fundo da casa para lavar roupas. Para Maria José era comum deixar a casa aberta em Pernambuco, mas no Prata ela descobriu que a liberdade que ela tinha em sua terra, de deixar a casa aberta, de ter brincado na rua sem preocupação de ladrão, ficou no passado.

Antes de ser cabeleireira, Maria José era trabalhadora rural. Tem segundo ela quase um ano que começou o salão e isso foi uma grande conquista na sua vida e de sua família, sempre quando fala disso fala de Deus por que é evangélica e acredita que ele é quem a ajudou a mudar de vida:

“... coisa que eu nunca pensei na minha vida, pensei, nunca pensei em ser cabeleireira, nunca pensei em meche com cabelo nunca, foi um algo assim que Deus honrou que eu passei e não blasfemei contra ele, eu nunca fui contra as pessoa nunca paguei mal com mal , eu tenho isso como um brinde de Deus na minha vida. ...eu fiz esse curso e fui muito bem aventurada, comecei a conquistá as minhas clientes fazeno escova num espelho pequeno e Deus foi honraro e abençoando.”³¹

A Sra. Maria Deusiane Batista Brito, veio de Palmeirais no Estado de Piauí e mora na cidade do Prata há quase dois anos com o seu irmão, ela tem vinte e oito anos e quatro filhos que ela deixou com seus pais no Piauí. Maria Deusiane mostra na sua fala a vontade de ter uma vida melhor, de conquistar algo para sua família, quando pergunto a ela se tem vontade de voltar a viver em Palmeirais:

“... sinto os meus filhos te ficado pra trás, só que acontece que eu não posso voltá daqui agora, porque o que eu vim buscá eu ainda não consegui, e quando eu consegui eu volto pra lá pra ficá com a minha família.”³²

Ao perguntar a Maria Deusiane: o que veio buscar na cidade; ela me responde:

³¹ Entrevista realizada com a Sr.^a Maria José Ribeiro do Nascimento no dia 24 de novembro de 2009.

³² Entrevista realizada com a Sr.^a Maria Deusiane Batista Brito no dia 14 de abril de 2009.

“... o futuro pra mim e pro meus filho, pois lá a gente não passa fome, no quintal da minha casa tem pé de tudo que é fruta e verdura, pois lá tudo a gente planta e aqui não a gente tem que compra, mas pra consegui dinheiro é aqui. Eu quero volta mas pra te uma vida melhor. Por isso eu vou ficar aqui até eu consegui juntá umas economia e depois eu volto.”³³

Em todo o tempo Maria Deusiane cita a família que ficou para trás como a sua referência, principalmente pelo fato de seus filhos terem ficado com seus pais e que a cidade do Prata foi uma oportunidade de conseguir com o trabalho, uma vida melhor para, então, voltar para o lugar que ela considera como o seu, que é Palmeirais. O irmão com quem Maria Deusiane mora é João Batista que também trabalha no campo, mas que não quis falar nada, nem informalmente.

As narrativas contribuem para mostrar como esses trabalhadores veem a cidade do Prata e que sentido e significado têm para essas pessoas viver aqui, no caso de Maria Deusiane significa uma oportunidade de conquistar um futuro para sua família, pois ali tem emprego em que ela ganha um salário fixo e no Nordeste não tem e, por isso, ela precisa estar tão longe de onde considera como o seu lugar. Como ela mesma fala:

“... nunca pensei de vim morá aqui, só vim mesmo através do trabalho, pro serviço, porque lá o Estado é muito pobre de serviço, ninguém assina carteira de ninguém, o trabalho lá pra quem não tem estudo que é quase todo mundo, é só na plantação de roça.”³⁴

Maria Deusiane quando questiono como é sua vida na cidade, o que acha daqui, como é o trabalho que faz, diz:

“Quando cheguei senti a diferença, aqui é frio, lá é quente, a alimentação é diferente, as comida de lá é mais temperada, as forma das casa , tudo aqui é diferente, lá é melho porque tá perto de minha família, a gente estranha quando chega aqui, passa a cumê poco depois com o tempo vai acostumando se adaptando com a vida daqui. No trabalho aqui a gente planta, mata furmiga, mexe com o adubo na terra, lá na minha terra o serviço é também em roça da gente mesmo, só que é outro serviço, cabo de machado, vai na enxada, planta de tudo , mas aqui é diferente , nois lá

³³ Entrevista realizada com Sr.^a Maria Deusiane Batista Brito no dia 14 de abril de 2009.

³⁴ (Maria Deusiane) Idem.

planta é grão , de dois a quatro e sai tampando e os menino vai tampando atrás, os menino pra não ficá em casa vai ajudá a famia na lida.³⁵

Neste momento da entrevista Maria Deusiane mostra as dificuldades de adaptação aos modos de vida da cidade do Prata, do ambiente, da alimentação, do trabalho, em relação à saudade que sente da família que ficou em Palmeirais, utilizando as palavras acostumar e adaptar. É isso que vive a maioria dos trabalhadores de outras regiões ao ter que se acostumar com o tempero do alimento, o frio, o modo de trabalho. Quando ele chega à cidade traz consigo seus costumes, seu tempo de vivência no Nordeste, por isso migrar tem significados, não é apenas mudança de lugar, muda-se de modos de viver. Para os trabalhadores migrantes é necessário aceitar as diferenças para viver na cidade.

O depoimento da Sr.^a Romilda contribui para mostrar a força de vontade de superar as dificuldades e a união familiar, ela que veio do Estado da Bahia para o Prata junto com toda sua família, para trabalhar no campo e morar na cidade desde, segundo ela, 1995. Quando ela fala de sua família, que não sairia da Bahia sem sua família, percebi que além do fator trabalho, existe uma afetividade que move muitos trabalhadores migrantes que são os laços familiares; eles sabem das dificuldades que irão passar vindo, o quanto o trabalho braçal é pesado, mas querem juntos buscar uma melhor situação de vida, como recorda a Sr.^a Romilda:

“... e ai meus pai vendeu as coisinha que ele tinha e chamô eu mais meu marido pra vim, eu falei que num ia não...mas o meu pai falô que era pra vim todo mundo e nós veio só com a ropa do corpo e uma mala, veio pegô ônibus treis dia e treis noite eu com quatro filho.³⁶

Para a mulher, principalmente, existe a valorização da família, geralmente elas somente vêm junto com os pais ou com o marido, através de um parente mais próximo, mas não estão passivas no processo de trabalho rural na cidade; trabalham no campo ou mesmo na cidade, e elas querem sempre conquistar o melhor para os seus filhos e o marido. Como relata a Sra. Romilda ao me contar da casa que ela e seu marido

³⁵ Entrevista realizada com Sr.^a Maria Deusiane Batista Brito no dia 14 de abril de 2009.

³⁶ Entrevista realizada com a Sr.^a Romilda Rocha Lacerda no dia 19 de fevereiro de 2009.

compraram com o dinheiro de um acerto de serviço em uma granja em Uberlândia, cidade em que moraram antes de se fixarem no Prata:

“Eu falei que nós podia vim mais que tinha que comprá uma casinha. Ai eles acertô com ele e com o dinheiro do acerto compramo um barraquim, essa casa aqui, era no contrapiso, hoje até parece uma casinha mais ou meno. Quando cheguei com meus trezinho aqui, Gilmar meu filho, olhô e falô, mãe é essa casa que meu pai comprô, a senhora vai tê corage de por nossos trem aqui dentro, eu falei para ele que era nossa e depois nós arrumava, mas era nossa.”³⁷

A Sr.^a Romilda vê numa casa uma forma de segurança de uma vida melhor e também de uma realização. A casa podia ser ruim, mas é dela, e isso tem um grande significado, é algo que antes, talvez não tivesse nenhuma possibilidade de acontecer, morando no Nordeste. A casa da Sr.^a Romilda fica num bairro bem pobre, quase em frente à rodovia, só foi ter asfalto no final de 2008. Mas para ela não importa, a casa é dela e de sua família, e uma maneira também de ela estar fazendo parte da cidade, tendo o seu espaço, que ela considera como sendo seu. Para ela, a cidade do Prata é o seu lugar, porque ali está toda a sua família, como ela nos conta:

“... eu tenho vontade é de ir pra passeá, vê a minha irmã que ficou lá, tenho saudade, mas pra morá e não tenho vontade de ir nem, por causa que se eu ir eu queria ir pra levar meus filho tudo sabe, a minha mãe morreu aqui, meus filho já tudo casado, e num vai lagar as muié e ir embora pra Bahia.... pra larga eles pra trás eu num vô não, Deus já levou minha mãe, meu pai mora aqui. Mais ainda vô levá meus filho pra conhecer pois eles num lembra de lá, mas vô pra passear.”³⁸

Mesmo a cidade do Prata sendo para a Sr.^a Romilda a sua “casa”, a cidade natal não deixa de representar para ela um lugar que viveu as alegrias, as dificuldades; por isso, quando a Sr.^a Romilda fala da Bahia, quer mostrar que lá não é o lugar apenas de sofrimento, mas que tem coisas boas.

“os vizinho, os amigo até fala que se eu fô pra Bahia vô passa necessidade das coisas, eu disse eu num vô, porque tem muitas coisas que lá que num precisa de comprá, e aqui se qué uma banana tem que comprá, se qué

³⁷ Entrevista realizada com a Sr.^a Romilda Rocha Lacerda no dia 19 de fevereiro de 2009.

³⁸ (Romilda Rocha) Idem.

cumê um coco tem que comprá..... Se fosse pra eu ir pra Bahia eu num morria de fome, porque ocê lá num tem valor é na diária...³⁹

Nesse trecho a Sr.^a Romilda quer expor uma idéia positiva da Bahia, é uma maneira de valorizar o lugar de onde ela veio e mostrar que lá tem coisas que são melhores que aqui. Ela fala da fartura das frutas de lá e que aqui tudo tem que comprar, para ela lá o que não tem é a valorização do trabalho no pagamento, mas ela sempre reafirma que lá não passava fome e aqui muitas coisas ela quer não tem condição, por que tem que comprar.

A memória tem um papel fundamental na história para entender como os trabalhadores interpretam as suas vivências, as relações de trabalho, com a família, com a cidade, como isso vai sendo constituído de acordo com as relações entre passado e presente. Na abordagem de KHOURY, a memória na pesquisa histórica nunca pode ser um fato dado, mas em processamento, eles se movem e se transformam, assumindo novos significados a partir das relações vividas.

“Ao lidarmos com a memória como campo de disputas e instituição de poder, ao explorarmos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos, vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida.”⁴⁰

Para a Sr.^a Romilda o seu lugar é a cidade do Prata, porque foi neste local que ela conseguiu realizar muitos sonhos, como a casa própria, é onde os seus filhos cresceram e se casaram, onde o seu marido tem um emprego. Então a vivência e as relações que ela construiu com a cidade fizeram com que a Bahia, seu estado de origem, se tornasse uma lembrança, onde ela pensa a sua infância, ou seja, o seu passado; mas que o local em que ela se enxerga hoje, é a cidade do Prata. Se ela tivesse como Maria Deusiane, os seus filhos e seus pais lá no Nordeste, pode ser que ela enxergasse a Bahia como seu espaço.

³⁹ (Romilda Rocha) Ibidem.

⁴⁰ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. Muitas memórias, outras histórias (Orgs.). Ed. Olho D' Água, 2004. Pág. 118.

As pessoas consideram como sendo o seu espaço o lugar onde constroem os seus laços familiares, em que se casam, criam os filhos, conseguem emprego, uma casa como a Sr.^a Romilda conseguiu, onde elas possam ter um amparo, uma vida razoável.

As narrativas dos entrevistados estão cheias de lembranças ocultadas por experiências, que ao falar trazem à tona sentimentos de medo, de angústia, mágoas e também de lembranças alegres, de saudades de parentes e amigos. Então, não podemos deixar isso de lado no procedimento de trabalho com memória, a experiência humana, na qual as pessoas se reconhecem como parte de sua história.

“Isto porque a cidade e suas instituições devem ser vistas como espaços de produção de conflituosas relações que historicamente podem exprimir-se em dominação, cooptação ou consenso, mas também em insubordinação e resistência. Nesse sentido, a valorização da memória apresenta-se como oportunidade de trazer à tona outras histórias e olhares sobre o passado”.⁴¹

A memória dos trabalhadores migrantes vai sendo composta de acordo com a vivência no lugar onde passam a morar, para eles a cidade do Prata é melhor porque tem trabalho, porque o acesso à escola para os filhos é mais fácil, porque o dinheiro é pouco, mas não falta. A saída de sua terra natal é um meio de tentar mudar uma vida difícil.

A vivência no Nordeste com muitas dificuldades, de trabalho, de saúde e de educação fazem com que os trabalhadores migrem para regiões em que esses fatores são melhores. Na cidade do Prata concentram-se muitas empresas rurais que fazem o cultivo de diversas plantações. Tendo muito trabalho no campo, a cidade surge como uma alternativa para se tentar mudar de vida. Assim, vem muito trabalhador da região nordestina para a cidade do Prata com esta expectativa.

A Sr.^a Jucilene de Jesus, da cidade de Miranguaba na Bahia, veio para cidade do Prata em 2007. Ela fala da falta de dinheiro e emprego que a fez deixar sua terra:

“... na Bahia quando uma pessoa paga dois dia de serviço fica o resto do mês sem trabaíá, sem achá serviço e aqui quando você trabaia no fim do

⁴¹ FENELON, Dea Ribeiro. Cidades (orgs). PUC SP, 1999. Pág. 07

meis tem o dinheiro e na Bahia passa o meis e num tem serviço e nem dinheiro e então é difíci pra sobrevive."⁴²

Muitos trabalhadores das regiões do Nordeste chegam aqui por meio de outros que são da mesma região, o tio que liga para o sobrinho dizendo que aqui tem serviço de carteira assinada, o homem casado geralmente vem sozinho e quando consegue se estabelecer busca a família, já os solteiros e os que deixaram as mulheres no Nordeste na sua maioria alugam uma casa e dividem o aluguel entre eles, geralmente são uns oitos morando numa mesma casa. E assim nos conta a Sr.^a Jucilene:

"... nessa semana chegô mais dezoito home pra trabaíá na cana perto de Campo Florido, tudo lá da Bahia, mas também teve os que viajô, foi embora pra Bahia, mais em maio vorta pra laranja de novo, e um vai e vem de home, mas eu vim mais a famia e resolvi ficá porque aqui é mais fácil pra sobrevivê, mas quem num trais a famia, sempre quando acaba a safra vai embora mais depois vorta."⁴³

Cria uma rede de informações que faz com que os trabalhadores do Nordeste chegam até a cidade do Prata. Há empresas que buscam esses trabalhadores para a safra e quando esta acaba outros trabalhadores migram de retorno e depois quando voltam novamente para a próxima safra, já trazem um amigo, um parente, ou como no caso da Sr.^a Jucilene, vem toda família, se estabelecem na cidade numa tentativa de melhoria de vida. Eles não vêm do nada, existe uma propaganda positiva que faz com que o Prata e outras cidades cheguem até estes trabalhadores e se tornem uma alternativa para tentar melhorar de vida.

O Sr. José dos Santos, vindo de Ribeira do Pombal, do Estado da Bahia, conheci através do depoimento da senhora Jucilene que me falou de uma turma de trabalhadores baianos que havia chegado no Prata.

No início lhe pergunto como chegou até a cidade do Prata, ele me responde que: "um amigo que já veio tem um tempim, me ligou me contando que aqui era bão de

⁴² Entrevista realizada com a Sr.^a Jucilene de Jesus no dia 06 de janeiro de 2009.

⁴³ (Jucilene de Jesus) Idem.

serviço, eu vim porque lá foram poucas veiz que trabaiei de carteira assinada, trabaio lá é na roça.”⁴⁴

Os trabalhadores mesmo estando longe de suas origens não perdem o contato com seus parentes e amigos e através da comunicação entre eles vão informando um e outro sobre o trabalho na cidade em que estão vivendo.

Ao pesquisar a infância, a vida no Nordeste destes trabalhadores em todos os depoimentos e também na leitura de outros trabalhos que retratam a vida dessa gente, percebe-se que a região nordestina é deixada de lado pelo poder público, trazendo consequências para as famílias pobres que é a fome, a falta de saneamento, falta de educação e a falta de dinheiro. Assim, as relações de poder que são impostas aos sujeitos interferem nos seus modos de viver e nas suas escolhas; a ausência de educação, de trabalho assalariado faz com as pessoas escolham ir para outra cidade, outro estado; é um meio de tentar mudar uma realidade insatisfatória.

A Sr.^a Jucilene exemplifica como é geralmente a infância no Nordeste:

“Nossa, a minha infância foi de trabaia com oito ano, nois já trabaia de enxada na roça, era limpá, roçá de foice, prantá feijão, carrega madeira nas costa, na escola nois ia até aprende o segundo ano, depois era trabaia pra ajuda a famia.”⁴⁵

Jucilene pensa muito na sua vida difícil no Nordeste e a partir daí relata a cidade do Prata como um lugar melhor para viver, ela fala bastante de saúde e educação “... lá na Bahia quando você vai consultá, procura as infermera, elas num dá informação vem com ignorância, o governo lá num dá assistência pros pobre, aqui é melhor mil veis que na Bahia pra saúde e estudo.”

Na vivência na cidade, quando os trabalhadores, como a Sr.^a Romilda e a Sr.^a Jucilene conseguem um emprego duradouro, alugam ou compram uma casa, o olhar sobre a cidade passa a ser positivo e por isso muitas famílias preferem viver no Prata a voltar para o Nordeste, pois quando o presente remete a uma realidade diferente daquela vivenciada no passado, é comum lembrar este passado com imagens

⁴⁴ Entrevista realizada com o Sr. José dos Santos no dia 20 de fevereiro de 2009.

⁴⁵ Entrevista realizada com a Sr.^a Jucelene de Jesus no dia 06 de janeiro de 2009.

negativas, de dificuldades como a pobreza, a falta de emprego, por isso a Sr.^a Jucilene diz que “aqui é mil vezes melhor que na Bahia”, porque o que ela não teve lá ela conseguiu aqui. Portanto, essas lembranças do passado estão carregadas das experiências desses sujeitos no presente.

O emprego aparece em todos os relatos como principal fator para a migração. Como a cidade do Prata necessita muito de trabalhadores rurais oferece serviço em lavouras quase todo o ano. Ela se torna uma alternativa para viver e sobreviver às dificuldades de emprego da região Nordeste.

A motivação que faz o trabalhador sair de sua terra natal em busca de trabalho está relacionada, com a necessidade de ter uma melhor qualidade de vida, a educação é um dos fatores que contribuem para a migração para outras localidades em que a escola seja mais acessível aos trabalhadores pobres. Porque no Nordeste a educação é muito escassa e de difícil acesso; quando vou conversar com a Maria Deusiane sobre como é o estudo lá em Palmeirais no Piauí e se ela teve oportunidade de estudar, ele me diz que:

“... lá é muito difícil, eu mesmo só tenho o segundo ano, as pessoas mora no interior em vilarejos e é muito dificultoso ir para a cidade pra estudá , porque tem que ajudá na lida da roça muito cedo e o transporte pra ir então , quase num tem.”⁴⁶

A primeira preocupação de todas as famílias com quem conversei é ver os filhos em uma situação diferente daquela em que eles viveram lá no Nordeste. Esses trabalhadores não tiveram a oportunidade estudar e não querem que os filhos sigam o mesmo caminho de ser trabalhador rural; e sabem que se continuassem no Nordeste a chance de isso não acontecer seria praticamente mínima. O estudo é visto como forma de melhoria de vida, até uma perspectiva de ter um filho formado em um curso superior. Na cidade do Prata é mais fácil para os trabalhadores manterem os seus filhos na escola, pois eles podem contar com três turnos de aula, com as creches para os filhos menores de seis anos. A educação no Nordeste como Maria Deusiane disse depende de transporte para o acesso à escola, principalmente nas cidades menores. Também

⁴⁶ Entrevista realizada com Sr.^a Maria Deusiane Batista Brito no dia 14 de abril de 2009.

como a Sr.^a Jucilene fala, há a necessidade desde criança de ajudar os pais na roça. Essas e tantas outras dificuldades fazem com que o estudo, o trabalho assalariado fiquem longe da realidade dos trabalhadores pobres do Brasil.

A conquista de bens materiais representa para os trabalhadores migrantes uma melhoria da qualidade de sua vida, a Senhora Romilda, além da casa que comprou fala também dos eletrodomésticos que tem hoje em sua casa:

“nóis veio da Bahia pra melhoria de vida e começa a ganhá mais ou menos, por que lá o suor de ninguém tem valor, tem muito explorador lá e a gente ganha micharia que num dá pra comprá nem uma diversão, ou uma coisa que facilite a nossa vida, como uma televisão e uma geladeira, aqui nós pelo meno isso conseguiu, com sofrimento é verdade, mas conseguiu.”⁴⁷

Como foi no Prata que a Sr.^a Romilda conseguiu uma estabilidade, e tendo na sua memória a experiência difícil que passou na Bahia de privações, é então que ela elabora a sua narrativa através da situação em que vive atualmente, quando ela fala das coisas que ela comprou na cidade do Prata, que para ela melhorou e facilitou sua vida. Ela coloca em comparação o pouco que ela ganhava na Bahia com o que ela ganha aqui, que seu marido ganha, ela faz uma relação entre passado e presente de sua vida enxergando o presente como bem melhor, em que ela conseguiu “mudar de vida” em comparação a como ela vivia anteriormente.

Através do meu trabalho na empresa de Reflorestamento de eucalipto, encontrei inúmeras pessoas que procuram serviço na empresa que são de outras regiões, foi assim que conheci o Leonis da Silva, que veio de Teotônio Vilela, do estado de Alagoas, é o trabalhador mais jovem que entrevistei, ele tem apenas vinte e um anos, e vive em Minas Gerais há 06 anos, e no Prata há 03, pois morou primeiramente em Ituiutaba, cidade próxima o Prata. Leonis conta que sua família toda veio para Minas, ficando em Alagoas apenas seus avôs e seus tios.

“No inicio quando nós saiu de Alagoas, meu pai veio pra Ituiutaba, Minas Gerais, depois de dois anos que ele tava lá nós veio junto, eu, minha mãe e meus irmãos, nós passamo lá cerca de dois a três anos trabalhando lá, lá eu estudava mais meus irmãos e ai nós fomo crescendo e fomo trabalhá lá, mas teve um tempo lá que começou a ter desemprego, foi quando nós iniciou a nossa caminhada ao Prata. Os nossos colega que trabaia com a

⁴⁷ Entrevista realizada com a Sr.^a Romilda Rocha Lacerda no dia 19 de fevereiro de 2009.

gente na Usina de cana em Ituiutaba, que já tinha trabalhado em Prata, informou pra nós que era uma cidade boa pra trabalhá e tem treis ano que nós tá aqui.⁴⁸

Como Leonis é mais jovem, não tem filhos, percebi no diálogo que ele estava querendo me falar que a cidade em que ele nasceu não era ruim, que ele veio porque foi uma escolha e que se quiser voltar ele volta, ele queria mostrar que vir para Minas Gerais não foi uma necessidade e sim uma opção que sua família fez, queria me dizer que o Prata não era melhor que Alagoas, porque eu estava na condição de nascida no Prata lhe questionando a sua vinda para a cidade, quando eu pergunto o que ele acha da cidade, diz que:

“Vim pra cá em busca de serviço né, ao chegar no Prata achei que ia te muito serviço né, mas não achei, não esperei que ia ser assim, achei que ia ser uma cidade mais melho, o serviço que tem a renda salarial e muito pouca.”⁴⁹

Diante da sua resposta que dá a idéia de que o Prata é uma cidade que não correspondeu às suas expectativas. Perguntei então, se mesmo assim ele ia continuar a viver no Prata, ele disse que:

“Pretendo né, por enquanto, vamo ver até onde vai dá, se caso surgi um serviço melhó por fora ou adequá a vida que eu achar melhor, seu chegar a casar aqui quem sabe, eu vou pra onde for melhor de renda.”⁵⁰

Quando Leonis narra a sua trajetória, ele quer mostrar que não é um coitado, que está no Prata porque quer, ele sempre está se valorizando na sua narrativa, tentando acabar com uma idéia de que ele faz parte de uma saga nordestina de estar em busca da felicidade perdida no Nordeste. Leonis mostra que viver na cidade é uma opção melhor que viver em Alagoas, mas que lá ele tem condições de viver. A sua família, segundo ele, veio para melhorar de vida; não para deixar uma vida miserável, pois lá a sua vida era razoável.

⁴⁸ Entrevista realizada com o Sr. Leonis da Silva no dia 28 de outubro de 2009.

⁴⁹ (Leonis da Silva) Idem.

⁵⁰ (Leonis da Silva) Ibidem.

As pessoas que vêm à procura de trabalho na cidade do Prata, como Leonis, são trabalhadores que lidam em colheita de laranja, plantio de eucalipto ou de outro serviço, mas a grande maioria dos trabalhadores pobres quem vem para outras regiões faz trabalhos rurais de corte e plantio de lavouras. Geralmente, quando ficam desempregados e não voltam, fazem algum serviço na cidade, mas sempre braçal como, servente de pedreiro, limpeza de terrenos sujos, entre outros, porque o estudo deles quase sempre é mínimo, impedindo que eles consigam um serviço melhor remunerado. Leonis tendo, apenas vinte e um anos já trabalhou em vários serviços no Prata, ele me conta que aqui já trabalhou em:

“Na região do Prata eu sempre venho mexendo com a cana de açúcar né, tô acostumado a trabalhá em Usina desde os dezoito ano e tiro é muito por mês, de mil pra cima, aqui em Prata já trabalhei em vários serviços, como a cana mesmo, de servente, em desbrota, já mechi com laranja, em capina, de serviço eu num tenho medo.”⁵¹

Leonis fala de seu trabalho com orgulho, ele me conta que na cana o serviço é bom, porque ele para a hora que quer, é pago por produção; que ele mesmo não tira menos de mil reais por mês na cana, mas o problema é o período do fim da safra. Neste tempo ele faz todo tipo de serviço, porém, segundo sua opinião, “a renda é pouca”, como a desbrota de tocos, a capina ou o serviço de pedreiro na cidade, ele valoriza um serviço mais pesado como o corte de cana porque neste a sua renda é maior.

Pesquisar o cotidiano destes trabalhadores migrantes na cidade do Prata apresenta uma maneira de ver que a História se faz no dia a dia e que as lutas e os conflitos na cidade estão nessas relações do cotidiano, as múltiplas interpretações sobre maneiras de agir, as diferenças ao falar ou lembrar uma situação vivida. Cada trabalhador enxerga suas experiências de diferentes formas, e tudo isso enriquece a reflexão sobre o processo migratório, mostrando que ele é permeado de múltiplas histórias e interpretações sobre essa história vivida por eles.

⁵¹ Entrevista realizada com o Sr. Leonis da Silva no dia 28 de outubro de 2009.

Capítulo II

Migração e Trabalho Sazonal: As diferentes maneiras de viver a cidade.

Neste capítulo discuto como os trabalhadores rurais de outras regiões vivem na cidade de maneiras distintas dependendo da situação de vida de cada um, pressupondo assim que o ato de migrar para outro local é um movimento constituído de experiências sociais e que valores e significados estão presentes no deslocar-se de um lugar para outro.

Depois de fazer a maioria das entrevistas com os trabalhadores rurais migrantes e sazonais fui observando que apesar de estes trabalhadores viverem situações semelhantes, como o de sair da sua terra natal em busca de trabalho em outras regiões, de trabalharem no campo, mas que cada um, cada família tem um objetivo quando vem para a cidade, uma maneira de falar sobre ela, e principalmente falar sobre as suas práticas sociais na cidade. É o que Paulo Roberto de Almeida diz quando fala do Movimento Sem Terra:

“O que pretendo discutir aqui é: como no interior de um mesmo movimento os sujeitos interagem a partir de suas diversas visões de mundo, por vezes com perspectivas diferentes. Parece evidente que o movimento é muito mais que a simples somatória de experiências individuais, mas há que se reconhecer o quanto estas influenciam na sua dinâmica e organização”⁵²

É importante perceber o fluxo migratório no coletivo, mas são as individualidades que trazem as interpretações, os significados que cada trabalhador atribui ao movimento. Pois os trabalhadores não falam muito do processo de migrar, mas de suas trajetórias de vida, do modo como chegaram até a cidade e como estão vivendo o agora.

⁵² ALMEIDA, Paulo Roberto. "Cada um tem um sonho diferente": histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. (Orgs.) Outras Histórias: memórias e linguagens. Ed. Olho D'Água, 2006. Pág.44.

Os trabalhadores podem compartilhar experiências e vivências na cidade, mas cada um tem um modo específico de falar sobre elas partindo do que cada pessoa veio buscar na cidade, o que conseguiu e como está vivendo a mesma.

A cidade do Prata é vista pelos trabalhadores migrantes através das expectativas que são colocadas nela a partir da sua chegada e se estas expectativas foram ou estão sendo supridas, e também é vista pelo que vieram buscar na cidade, cada um tem um jeito de viver a cidade mesmo compartilhando a experiência de ser um trabalhador rural que veio de outra região.

Os trabalhadores que escolhem deixar suas origens, muitos vêm sem nenhuma perspectiva de emprego e moradia, como o Sr. José dos Santos, essas pessoas têm muita perseverança. Quando pergunto ao Sr. José se ele já tinha um emprego e casa quando chegou à cidade do Prata, ele responde: “não, eu vim na esperança mesmo, mais chegado aqui consegui pelo um amigo trabaia na laranja e casa agente arrumo logo, o bão é que serviço aqui num falta.”⁵³

A conversa com o Sr. José foi rápida porque ele é muito tímido para falar, mas, ele deixa claro que vê a cidade do Prata como um lugar para trabalhar, mas casa mesmo é a cidade de Ribeira de Pombal, porque ele veio sozinho, sua mulher e seus filhos ficaram lá e ele vai pra lá duas vezes no ano, no meio e no final, e quando eu lhe pergunto por que ele não traz sua famíliaCV ele fala o seguinte:

“Não, o nosso lugar é lá onde nós nasceu eu vim pra cá por causa de serviço, mas a minha cidade é lá, não que eu tenho alguma coisa contra o Prata, mas a gente num pode deixar nossas raízes, aqui todo mundo é educado, num tenho amigo não, os meus amigos é os que veio junto comigo, mas a vida aqui é boa, no fim do mês dá pra mandá um dinheiro pra muié e ainda sobra pra bebe uma no fim de semana.”⁵⁴

Para o Sr. José dos Santos buscar a sua família para morar no Prata significa abandonar a sua terra, as suas raízes; é importante perceber o que a cidade onde ele nasceu e foi criado representa na sua vida, é a sua história. Mesmo ele vivendo no Prata a maior parte do ano, a sua casa é em Ribeira de Pombal por isso a sua família

⁵³ Entrevista realizada com o Sr. José dos Santos no dia 20 de fevereiro de 2009.

⁵⁴ (José dos Santos) Idem.

esta lá, e aqui quem ele considera seus amigos é o pessoal que veio de lá junto com ele, o amigo que ligou para ele falando do trabalho. Para o Sr. José dos Santos, ele tem um vínculo, uma fidelidade ao lugar que ele chama de sua casa, onde está sua família.

O Sr. Irlan Gomes Teixeira, veio do Estado da Bahia, da cidade de Mirangaba, tem vinte e três anos e mora na cidade do Prata desde o final do ano de 2008, ele divide a casa em que mora com mais dez companheiros da mesma cidade que trabalham na colheita de laranja.

No primeiro momento, houve uma resistência dos trabalhadores para falarem comigo, pois um deles achou que podia ser uma fiscalização do Ministério do Trabalho, e que poderia prejudicar os seus patrões pelo modo precário como eles vivem. A casa em que eles moram é muito pequena, não tinha nenhuma limpeza no dia que estive lá e havia colchões espalhados pelos cômodos de toda a casa, praticamente não tinha móveis, somente os colchões, uma geladeira e um fogão; todos os bens da casa eram usados e em péssimo estado. Este receio que encontrei se deve pelo medo que estes trabalhadores têm de perderem o emprego na cidade e também de a pessoa que lhes paga o salário sair lesada de alguma maneira pela condição de vida deles na cidade.

Analisando o ocorrido, compreende-se que mesmo sabendo que eles vivem em situações escassas, de exploração, estes trabalhadores, no caso da Bahia, têm medo de perder o que conquistaram na cidade: o emprego. Mas logo expliquei que fazia parte de uma pesquisa relacionada com minha formação universitária, e então parte do pessoal da casa decidiu falar sobre as suas experiências na cidade.

O Sr. Irlan Gomes em primeiro momento ficou um pouco tenso, mas logo se dispôs a falar. Quando questionei sobre a cidade do Prata ele me falou o seguinte: “a cidade é boa, pelo fato de ter varias opções de serviço braçal.”⁵⁵ E então pedi que me falasse sobre a cidade no seu cotidiano, disse que:

“aqui é melhor que na Bahia, por causa de sai final de semana, lá na Bahia só saía dia de festa em casa de parente, aqui nós todo final de semana vai pras balada, lá não tem isso.”⁵⁶

⁵⁵ Entrevista realizada com o Sr. Irlan Gomes Teixeira no dia 16 de novembro de 2009.

⁵⁶ (Irlan Gomes) Idem.

É interessante que logo que Irlan vai falar da cidade, ele compara com a Bahia, partindo da lembrança de como ele vivia lá é que ele pensa a cidade do Prata como boa pra trabalhar, com mais opções de lazer, já que é um rapaz solteiro que não tem nem mulher e nem filhos; quem ficou na Bahia foram os seus pais. A vivência na cidade lhe parece mais agradável pelas novidades, pelas festas, pelas mulheres e então ele não fala de saudade da Bahia, ele apenas lembra os pais que ficaram lá.

Quando lhe pergunto como ficou sabendo da cidade do Prata, ele conta que: “um colega meu que veio a serviço e ligou pra mim e me falou que tinha uma oportunidade pra vim pra qui e eu vim”⁵⁷

Ele continua a sua narrativa falando do que o fez vir para a cidade do Prata: “Por causa de dinheiro, lá normalmente não tem emprego fixo e fichado, eu concluí o ensino médio e fiquei só parado, porque lá trabaia um dia dois na semana e fica o resto parado e aí não tem como se mantê lá.”⁵⁸

Irlan vê esta cidade a partir das oportunidades que ela está lhe oferecendo, que foi o trabalho na colheita de laranja de carteira assinada, porque a carteira registrada dá ao trabalhador a garantia dos benefícios caso ele seja dispensado do emprego, por isso Irlan e tanto outros trabalhadores dão muita importância por trabalharem “fichados”, pois segundo Irlan no interior da Bahia é muito difícil assinar carteira de um trabalhador rural e aqui ele fala que: “Fica desempregado aqui quem qué, no meu modo de pensar, só quem não gosta de trabalhar no pesado.”⁵⁹

Mesmo que seu modo de morar seja precário, o emprego fixo, que lhe traga uma renda maior, é uma forma de melhoria de vida, pois segundo Irlan o que ele ganha trabalhando na laranja é em torno de Oitocentos e cinquenta reais, incluindo a produção que é estabelecida por ultrapassar a meta de caixas a serem colhidas, e lá em Mirangaba era em torno de duzentos a duzentos e cinquenta reais por mês e sem registro, e aqui eles trabalham e recebem por quinzena na colheita de Laranja, com a carteira assinada.

⁵⁷ (Irlan Gomes) Ibidem.

⁵⁸ (Irlan Gomes) Ibidem.

⁵⁹ Entrevista realizada com o Sr. Irlan Gomes Teixeira no dia 16 de novembro de 2009.

O lazer nos fins de semana é também importante para permanência de Irlan na cidade, por ele ser jovem se torna uma prática extremamente relevante, e faz com que ele se acostume com o ritmo da cidade que ele acha melhor que o da cidade onde nasceu, e quando ele fala de sua presença nas festas, nos bares ele quer dizer que faz parte da cidade, que vive a cidade. Então na sua fala ele não vive apenas para o trabalho, ele compartilha com a cidade outras experiências que não sejam rurais.

Quando pergunto para Irlan se pensa em voltar à Bahia, ele diz “Voltar para passear? não sei se eu volto para morar ou pra passear, tô indeciso, para morar não, acho que não.”⁶⁰ Quando fiz esta pergunta Irlan ficou sem saber o que dizer, ficou uma impressão de que ele nunca havia pensado sobre voltar para a Bahia, ele mora no Prata há pouco tempo, mas no decorrer da entrevista ele pouco fala sobre as lembranças da Bahia, mas sim da cidade do Prata.

A vivência em grupos na cidade é uma forma dos trabalhadores economizarem nas despesas mensais, como o aluguel, a água e a energia. O Sr. José Alves dos Santos que mora com Irlan, tem trinta e oito anos, ele também veio de Mirangaba, na Bahia, começa a sua narrativa contando que veio para a cidade do Prata para “pra arrumá um troco a mais.”⁶¹ José Alves é casado e tem uma filha, elas ficaram em sua terra natal. Pergunto a ele por que não traz sua família para viver no Prata, ele me responde: “ porque fica difícil, aqui agente morando mais home é mais fácil, é difícil, por que morando muita gente a despesa fica muito alta, e aqui nós racha as despesa.”⁶²

Quando José Alves fala de morar muita gente é de sua família que ele está falando, para ele é mais barato mandar dinheiro para a família toda quinzena quando ele recebe, do que trazê-los para morar junto com ele, porque aumentaria a despesa com aluguel, com água, energia, entre outros. Assim, ele acha melhor deixa sua família na Bahia e viver com seus companheiros na cidade do Prata, pois todas as despesas são divididas.

Outra dificuldade dos trabalhadores migrantes em trazerem a família toda é ter que se desfazer de bens por causa da distância, já que é muito caro pagar um frete

⁶⁰ (Irlan Gomes) Idem.

⁶¹ Entrevista realizada com o Sr. José Alves de Souza no dia 16 de novembro de 2009.

⁶² Entrevista realizada com o Sr. José Alves de Souza no dia 16 de novembro 2009.

para trazer esses bens de lá para cá, ter o dinheiro para pagar as passagens para a família toda é outro problema e depois ainda conseguir estabelecer toda a família na cidade.

O modo como estes trabalhadores vivem também faz parte de seus costumes, de suas práticas de sobrevivência na cidade, pois eles não acham ruim viver em muita gente numa mesma casa, pois ali eles são unidos, se sentem como um grupo na cidade, a maioria dos trabalhadores sazonais percorre várias cidades e vivem desta maneira. Conversei com todos os trabalhadores que vivem com Irlan e José Alves, mas somente estes quiseram gravar as suas narrativas. A partir do diálogo com o pessoal da casa, compreendi que esse modo de viver em grupos faz parte do cotidiano de suas vidas, faz parte de suas lutas diárias para permanecerem ali e também um modo de estarem se reconhecendo como parte da cidade.

José Alves não traz a sua família para morar no Prata porque além dos motivos financeiros, ele tem uma visão sobre a cidade em que vivia, para ele, Prata é para trabalhar e ganhar um dinheiro a mais, mas a sua cidade é Mirangaba, tanto que diz voltar para lá, no final deste ano, e que somente pretende voltar daqui um ano:

***“tô indo lá agora no fim do ano, dia oito de dezembro, vou voltá mas vo dá um tempo na Bahia, mais o meno um ano, aqui é mais pra junta um dinheiro, depois eu volto pra minha casa, e depois venho de novo se tiver serviço.”*⁶³**

Por causa de sua relação com a família, do alto custo financeiro para trazer a família e também da relação que tem com a cidade em que nasceu José Alves ao mesmo tempo em que vive no Prata, tem residência em Mirangaba; como ele diz vem pra cá e junta um dinheiro, e depois volta para a sua casa; que é na Bahia.

A cidade do Prata representa apenas o trabalho, o “troco a mais”. José Alves conta que trabalhou também em outras cidades, como em Iturama, Minas gerais, depois ele retornou a Mirangaba na Bahia e veio para a cidade do Prata. Esse é um modo de ser itinerante, que vive em um lugar um tempo, depois retorna às suas origens, é o ir e vir, dos trabalhadores sazonais que, por viverem com muitas

⁶³ Entrevista realizada com o Sr. José Alves de Souza no dia 16 de novembro de 2009.

dificuldades em sua terra de natal, têm suas trajetórias marcadas por esse movimento com a expectativa de mudar, de melhorar de vida. O que às vezes conseguem e em outras, não. Os trabalhadores escolhem onde é melhor para eles trabalharem, como diz José Alves:

“já trabaiei em Iturama, depois voltei pra Bahia, e fiquei sabendo daqui e vim. Aonde tiver um emprego melhor eu topo ir...o serviço de lá é pouco e ganha pouco, qui eu tiro até mil e duzentos reais nu meis e lá e duzentos, aqui agente recebe por quinzena é fichado, lá a diária é quinze real qui é trinta, e toda quinzena eu mando dinheiro pra família.”⁶⁴

A partir dos depoimentos dos trabalhadores compreende-se que a cidade é múltipla em todos os sentidos, nas formas de se viver, de relacionar e de falar sobre ela, o que para alguém parece anormal, para outros é totalmente comum, é nessas formas de viver a cidade que as lutas vão sendo compartilhadas pelos trabalhadores rurais. Viver em grupo é um modo de driblar os problemas para viver na cidade, quando os trabalhadores moram juntos para dividir os gastos é uma maneira de resistir às dificuldades financeiras que são impostas para cada um, unidos se torna menos difícil viver numa cidade desconhecida, pois ali eles estão na mesma situação. José Alves fala um pouco do modo como eles vivem:

“Aqui tudo é dividido, cada um tem um dia de fazê o almoço, de limpá a casa, nós é todo mundo unido, sempre tivemos boa convivência, somos todos vivendo a mesma situação e então a gente racha tudo e fica melho para cada um e tenta melhora de vida.”⁶⁵

Viver em grupo numa mesma casa dividindo as despesas e as tarefas, para José Alves é importante para que cada um consiga manter-se e melhorar de vida como ele mesmo fala, economizar um dinheiro a mais para mandar para família que está na Bahia e o restante é para se divertir com os amigos na cidade.

Em todas as conversas com os trabalhadores que moram em grupo, eles deixam claro que amigos na cidade são aqueles que estão ali juntos, os outros da cidade do Prata são colegas, companheiros de serviço, mas amigo é aquele que está junto com

⁶⁴ (José Alves) Idem.

⁶⁵ Entrevista realizada com o Sr. José Alves de Souza no dia 16 de novembro de 2009.

eles, então o modo como eles vivem o espaço da cidade está relacionado com suas práticas cotidianas. Eles criam uma cumplicidade para se ajudarem, é através desta união que vão chegando mais e mais trabalhadores para a cidade, pois eles vêm porque sabem que podem contar com os amigos que já vieram antes.

Tanto Irlan Gomes e José Alves vieram da cidade de Mirangaba a mesma cidade de onde Jucilene veio. Para Jucilene a cidade do Prata também foi uma oportunidade de melhoria de vida, segundo ela, por ser casada e ter filhos, não poderia e nem era a sua vontade vir sozinha, era mais fácil ela ter ficado em Mirangaba e seu esposo ter vindo sozinho. Viver na cidade do Prata é melhor, porque sua vida na Bahia era muito difícil e, no Prata, segundo ela, trabalha já faz um ano numa mesma empresa e seu marido também. Todos os dois são trabalhadores rurais, seus filhos estudam e têm assistência médica por isso ela não volta para a Bahia porque sua família veio também, a partir de sua trajetória o modo que ele percebe a cidade é como um local para trabalhar e morar com sua família, pois na cidade do Prata há condições para uma vida mais tranqüila e estável.

A mulher tem uma maior relação com a família, seja no local de origem ou mesmo na cidade, pois por ser mãe ela tem o intuito de garantir um futuro para os filhos. Quando pergunto a Jucilene se tem vontade de voltar a viver em Miraganba, ela responde o seguinte:

“pretendo, mas quando meus minino o tive de dezoito ano, aí eu tenho vontade de voltar, porque com os minino criado é mais fácil pra sobreviver lá do que ir a com a família toda, com criança, eu não voltei lá depois que vim pra cá porque o dinheiro num dá, a viaje é cara.”⁶⁶

O viver a cidade por esses trabalhadores tem muitas diferenças e ao mesmo tempo semelhanças, pois cada um pensa o seu passado relacionado com o presente e assim constitui a sua memória, e esta é constituída na realidade vivida de cada um.

“eles narram a partir de seu próprio presente, trazendo experiências passadas. Nesse sentido o nosso exercício é compreender não um passado

⁶⁶ Entrevista realizada com a Sr.^a Jucelene de Jesus no dia 06 de janeiro de 2009.

dado, mas os significados atribuídos a esse passado no momento presente dessas pessoas.”⁶⁷

A Sr.^a Maria José, quando questionada como é viver na cidade do Prata, relata o seguinte:

“aqui eu me sinto muito assim vazia assim como um peixe que você tira ele da água e joga ele no seco ele deve sofrê muito, e cada dia eu sofro com saudade de minha de minhas irmãs com saudade de minha mãe, com saudade assim do povo, não nem tanto do povo que a gente tem que vivê sem, sem, mas eu tenho que aprendê uma coisa que a minha família hoje é meu esposo e minhas duas filha e que eu tenho uma responsabilidade comigo eu tenho que fazê o futuro delas eu quero que elas um dia faça uma faculdade, eu quero que elas um dia seja alguém eu num quero que elas vão trabaia de bóia-fria, como eu que fique limpando chão pros outro como eu, num tô menosprezando esse serviço, que todo serviço é digno se é honesto, eu quero assim um serviço que elas num trabalhe tanto e ganha melho porque infelizmente o bóia-fria é assim ele trabalha muito e ganha pouco, ganha muito pouco pelo serviço que ele faz, às vezes a pessoa que tá sentado lá cadeira do escritório ganha muito mais do aquele que tá lá ralando, sofrendo pegano na cabeça de cobra, pono a vida em risco”⁶⁸

Quando eu lhe pergunto sobre o viver na cidade Maria José fala que sente muito vazia, mas que tem que entender que sua família é seu marido e suas filhas, é isso que muitas mulheres acreditam depois que se casam, que ela tem que se desgarrar da família pai e mãe e acompanhar o marido e os filhos. Percebe-se pelas narrações de Maria José, pelo jeito que ela se expressa quando se emociona, quando ri de alguma lembrança, que ela se sente um pouco dividida entre Pernambuco e o Prata, para ela lá é o seu lugar, mas é nesta cidade que ela teve as oportunidades que lhe faltaram em Pernambuco:

“se eu for dizer que eu gosto daqui eu tô mintindo eu não gosto, eu gosto de Tuparetama (risos), mas eu acostumei aqui, me acostumei e não admito que ninguém fale mal do Prata perto de mim se falá eu retruco, porque pra mim Prata é uma cidade abençoada, uma cidade que só num trabalhar se não quiser, só se fô vagabundo, só morre de fome só pede na rua se fô

⁶⁷ KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. Outras histórias, memórias e linguagens (orgs). Ed. Olho D'Água, 2006. Pág. 31

⁶⁸ Entrevista realizada com a Sr.^a Maria José Ribeiro do Nascimento no dia 24 de novembro de 2009.

vagabundo, tanto se tive uma pessoa pidindo na rua eu num do não, só se tivé alejado numa cadeira de rodas, no Prata tem serviço e tem crescimento, coisa que eu nunca vi na minha vida foi o carro de som anunciando serviço na cidade, nunca vi nunca no outro lugar, então aqui é um lugar que eu aprendi gostá , aprendi respeitá as pessoas com a convivência com as pessoas adquiri respeito, adquiri mesmo, respeito até daquelas que trabalhavam comigo que me criticavam eu adquiri respeito delas e aprendi a gostá e a respeitá elas também.⁶⁹

Para Maria José a sua cidade, “o seu lugar” é em Pernambuco, mas lá não tem as oportunidades de trabalho e de crescimento que aqui tem, ela coloca como parte importante da sua vida estar na cidade do Prata porque conseguiu deixar de ser trabalhadora rural, que segundo ela é um serviço em que se trabalha muito e ganha pouco. O trabalho rural é na opinião de Maria José, desvalorizado pelo tanto que se exige, pelo esforço e o perigo de estar no campo. Como hoje tem um salão de beleza um trabalho muito mais valorizado em que ganha muito mais, ela diz:

“hoje o que eu ganhava como bóia-fria num mês , num mês sofrendo debaixo de sol, debaixo de humilhação, debaixo de todo o sofrimento, hoje eu tiro numa pessoa só sem desconto, trabalhando na minha casa”⁷⁰

Vivendo uma situação mais estável na cidade, tendo o salão em sua casa, seu marido trabalhando em fábrica de lápis e suas filhas estudando e fazendo cursos extras oferecidos pela prefeitura como computação, natação, entre outros, Maria José se sente realizada por sua família ter melhorado significativamente sua situação financeira, mas sente a falta de sua família, a sua mãe e as irmãs, ela sempre fala do lugar, do povo de Pernambuco com orgulho, dizendo que:

“o nordestino tem uma coisa boa, o nordestino não brinca em serviço, ele trabalha, quando ele vai trabalhá ele trabalha mesmo e assim quando ele sonha, ele vai em busca daquilo que ele sonha, ele vai mesmo e num volta atraís , ele é persistente mesmo o nordestino ele é deste jeito e eu sou nordestina desde a raiz , eu sou nordestina com orgulho.⁷¹

⁶⁹ (Maria José) Idem.

⁷⁰ Entrevista realizada com a Sr.^a Maria José Ribeiro do Nascimento no dia 24 de novembro de 2009.

⁷¹ (Maria José) Idem.

O orgulho de ser de origem nordestina é sempre expresso na fala de Maria José até porque está falando para mim que sou pratense e lhe pergunto sobre suas experiências no Pernambuco e na cidade do Prata, então ela quer passar uma idéia do seu lugar, não apenas de sofrimento, são dois lugares que fazem parte de sua história e que não vai esquecer, mas vão sendo lembrados a partir das experiências que ela vivenciou e está vivendo agora.

Quando Maria José diz que é nordestina com orgulho, é um modo de resistir e desconstruir preconceitos em torno da sua terra natal, de querer mostrar o seu lugar, de onde ela veio, que o povo da sua terra é lutador, não tem medo das barreiras em seu caminho e ela se considera uma vencedora, “porque eu aprendi a lutar e a vencer”⁷²

A partir de cada depoimento, de cada história compartilhada nesta pesquisa pensar e discutir o viver a cidade significa olhar para ela como lugar das diferenças, pois cada um em sua individualidade a compartilha de uma maneira única de acordo com os significados atribuídos ao viver ali, ao tentar mudar de vida, ao lutar e resistir contra as “pedras no caminho”.

Deve-se atentar sempre para a questão subjetiva do entrevistado, pois o que ele narra sobre seu passado depende de suas experiências, por isso existem versões diferentes sobre um mesmo fato. No caso de vir para a cidade, de querer ficar ou querer voltar, depende da realidade vivida por cada trabalhador. As suas próprias escolhas refletem o seu presente, a sua trajetória de vida.

⁷²Entrevista realizada com a Sr.^a Maria José Ribeiro do Nascimento no dia 24 de novembro de 2009.

Considerações Finais

Neste trabalho busquei elaborar uma discussão sobre os modos de vida dos trabalhadores rurais migrantes na cidade do Prata e como formam os seus viveres na cidade. O projeto inicial seria de falar sobre a relação entre a terra natal e a cidade do Prata, mas no decorrer da pesquisa foram surgindo outras evidências sobre o processo de migrar para outras cidades em busca de trabalho; como os meios que os trabalhadores criam para se manterem na cidade, o cotidiano destes trabalhadores que revelam as suas maneiras de sobreviver às dificuldades, como que eles contam as suas experiências e trajetórias vivenciadas nesta cidade.

O movimento de ir e vir para outras cidades acontece também por motivos de uma necessidade, de um imprevisto. Maria Deusiane, por exemplo, que estava na cidade do Prata trabalhando há quase dois anos e tinha dito anteriormente que não pensava em voltar para o Piauí, teve de um dia para o outro que se desligar do emprego para voltar porque um de seus filhos, que ficara no Nordeste, precisa fazer uma cirurgia no olho. Quando ela ia embora eu a vi na rua e ela me chamou para contar que ia partir no outro dia. Então às vezes os planos têm que ser deixados de lado por causa de um imprevisto familiar, como uma doença. Maria Deusiane me disse que depois pretendia voltar, mas que não podia deixar o filho sozinho.

Este trabalho foi construído através de um diálogo entre o pesquisador e pesquisado, pois a entrevista é um processo constituído de subjetividade, a pessoa que está ali falando atribui um significado para aquele momento; para Maria Deusiane teve uma relevância muito grande eu chegar até ela e lhe perguntar sobre sua vida, sua terra e sua família.

Os depoimentos me fizeram pensar sobre minha própria condição de pesquisadora, que caminhos eu estava tomando, somente nos contatos pessoais que as problemáticas foram surgindo; concluindo que migrar para outras regiões não acontecia de maneira igual para todos os trabalhadores; cada um, cada família me

apresentou uma maneira de enxergar a cidade e de vivê-la. Muitas questões que eu acreditava serem pertinentes, nem sequer foram desenvolvidas como o trabalho no campo, a viagem de lá para cá. Inferi que o movimento migratório de trabalhadores rurais tem um vasto campo de abordagens, e que neste trabalho não conseguiria esgotá-lo totalmente. Discuti a história dos trabalhadores a partir de experiências e práticas sociais construídas por eles na cidade do Prata, constatei que suas práticas estão além do trabalho rural, estão no viver na cidade, no pertencer a ela e no se enxergar como parte integrante dela.

Entendo que viver a cidade significa pensar em um espaço múltiplo, onde os modos de viver constituem em formas de lutas pela moradia, pelo trabalho, pelo espaço da cidade, pelo direito à cidadania. Os trabalhadores rurais, tanto os que permanecem e os que vivem indo e vindo, fazem parte da cidade, por eles integrarem o seu cotidiano, trabalhando, convivendo com a população no trabalho, no bairro, no comércio. Eles devem, então, ser reconhecidos como cidadãos.

Ao conceitualizar a migração deve-se ter o cuidado de não apenas enxergá-la como um advento físico, mas sim como é um movimento de pessoas, de histórias de vida. E esse caminho de discutir cidade e migração pensando a partir do vivido, das experiências construídas neste processo, contribui para alargar a visão de migração, que no capitalismo atual coloca o trabalhador como um objeto do capital, não um sujeito que tem um modo de vida, uma cultura e que, nesse modo de viver, imprime as suas práticas sociais na cidade.

Deixo aqui um trabalho que possa alargar ainda mais uma discussão em torno da temática do ser social, dos indivíduos que são excluídos da história oficial, como os trabalhadores rurais. É uma pesquisa que ainda tem um vasto campo de investigação a ser explorado. Espero que neste trabalho sejam feitas diversas interpretações e análises sobre as temáticas propostas e desenvolvidas para que se possam dar origem a outras discussões sobre o assunto. E pretendo, futuramente em um próximo estudo, poder aprofundar as questões que foram abordadas nesta pesquisa.

Arquivos e Fontes

Fontes Orais:

Maria José Ribeiro do Nascimento: foi trabalhadora rural, hoje é cabeleireira, nasceu em Tabira-PE, Chegou na cidade do Prata em 2003, entrevistada realizada em 24 de novembro de 2009, em sua residência.

Romilda Rocha Lacerda: trabalhadora rural, nasceu em Guaratinga-BA, chegou na cidade do Prata em 1995, entrevistada realizada em 19 de fevereiro de 2009 em sua residência.

Maria Deusiane Batista Brito: trabalhadora rural, nasceu em Palmeiras-PI, chegou na cidade do Prata no final de 2007, entrevistada realizada em 14 de abril de 2009, em sua residência.

Leonis da Silva: trabalhador rural, nasceu em Teotônio Vilela- AL, chegou na cidade do Prata em 2006, entrevista realizada em 28 de outubro de 2009, em sua residência.

José Alves de Souza: trabalhador rural, nasceu em Miranguaba-BA, chegou na cidade do Prata no início de 2009, entrevista realizada em 16 de novembro de 2009, em sua residência.

Irlan Gomes Teixeira: trabalhador rural, nasceu em Miranguaba-BA, chegou na cidade do Prata no início de 2009, entrevista realizada em 16 de novembro de 2009, em sua residência.

José dos Santos: trabalhador rural, nasceu em Ribeira do Pombal- BA, chegou na cidade do Prata em 2008, entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2009 , em sua residência.

Jucelene de Jesus: trabalhadora rural, nasceu em Miranguaba-BA, chegou na cidade do Prata em 2007, entrevista realizada em 06 de janeiro de 2009, em sua residência.

Arquivos Internet:

[Http://www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[Http://www.prata.mg.gov.br](http://www.prata.mg.gov.br)

[Http://www.sacrahome.net/](http://www.sacrahome.net/) site localizado na pesquisa da página: [www. google.com.br/](http://www.google.com.br/) mapadotraingulomineiro.

Referências Bibliográficas

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes**. Artigo, UFMG, 2009.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas Memórias e Histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos, Uberlândia 1938-1990**. São Paulo, 2001.

CARMO, Maria Andrea Angelotti. **Trabalhadores bóias-frias: experiências rurais e urbanas em Araguari-MG, 1980-2000**. São Paulo, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência, Aspectos da Cultura Popular No Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1986.

D'INCÃO, Maria Conceição. **O bóia fria acumulação e miséria**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1981.

FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e história social: historiografia e pesquisa**, In: Revista Projeto História do programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, nº 10, 1993.

_____. **Trabalho, Cultura e História social: perspectivas de investigação**. In: Revista Projeto História do programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, nº 4, jun/1985.

_____. **“O historiador e a cultura popular: historia de classe ou história do povo?”** In: História & Perspectiva, Universidade Federal de Uberlândia, nº 6, 1992.

_____. Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo/ SP, Ed. Olho D'Água. 2004.

- _____. Apresentação. In: MACIEL, Laura Antunes. et al. (org.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- _____. (org). **Cidades**. São Paulo: Olho d'Água, 1999. (Série Pesquisa em História).
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 7ª.Ed.
- HOBSBAWN, Eric J. **Os Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOGGART, Richard. **As utilizações da Cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Coleção Questões, 1973.
- KHOURY, Yara Aun. **A pesquisa em História**. Ed. Ética, São Paulo, 2006.
- MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun(orgs).**Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo/SP, Ed. Olho d'Água,2006.
- MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia 1970-2000**. Uberlândia, 2002.
- NASSER, Sergio Daniel. **“Eu vou entrar no mundo” Experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto, 1980-2007**. UFU, 2008.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Revista Projeto História do programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, nº 14, fevereiro/97.

- _____, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** In: Projeto História, PUC- SP, nº15, 1997.
- SAMUEL, Raphael. **“História local e História oral”.** In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, vol. 9, nº 9, set. 89/fev.1990.
- SANTOS, Marina de Souza. **Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser Nordeste(a) em Dourados-MS (1940-2002).** Uberlândia, 2003
- SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias,** São Paulo: EDUSP, 1997.
- SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória: Lembrança e Esquecimento. Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60.** São Paulo, 1997.
- THOMPSON, Edward P. **“O termo ausente”.** In: _____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- _____. **Intervalo: a lógica histórica.** In: _____. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as Memórias.** Revista Projeto História. São Paulo: PUC-SP, nº 15, abr., 1997.
- THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração.** Revista Brasileira de História, vol. 22, nº 44, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura,** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____, Raymond. **Cultura,** São Paulo: Paz e Terra, 1992.